jornal da UNICAMP

ARQUIVO CENTRAL

Campinas, novembro de 1986 — Ano I N.º 3

Os desafios do presente e do futuro

"A Unicamp é uma universidade do presente. Ela é a universidade de vanguarda do Brasil de hoje. Não é mais uma instituição do futuro. É uma instituição com 20 anos e que, curiosamente, já tem tradição." Em entrevista concedida ao **Jornal da Unicamp**, o reitor Paulo Renato Costa Souza não esconde seu entusiasmo pela universidade cuja direção ele assumiu há seis meses; o que não o impede de ver os muitos problemas que ela enfrenta e precisam ser resolvidos. Aqui, o reitor faz um balanço do que foi possível realizar até agora e das metas estabelecidas para o quatriênio. **Página 3.**

O papel da Universidade na busca do pacto social

Autor de um badalado estudo que ficou conhecido como "Brasil Ano 2000" e que — dizem — virou livro de cabeceira do presidente Sarney, o prof. Hélio Jaguaribe é há anos uma espécie de "fina flor" da inteligência nacional. Arauto das grandes transformações políticas que ocorreram nos últimos anos, Jaguaribe tem-se empenhado, com igual legitimidade, em identificar e radiografar as realidades sociais que precisam ser mudadas. Na **página 7**, ele analisa a chamada crise do sistema universitário, denuncia as fábricas de diplomas e compara a Unicamp a Cambridge.

A FOP, quem diria, já perto dos 30

No final dos anos 50, Piracicaba tinha 60 mil habitantes e brigava por uma escola de Farmácia. Ganhou uma Faculdade de Odontologia. Para fundá-la e dirigi-la, contou com um competente educador da geração de Zeferino Vaz: o prof. Liberalli. Hoje a cidade alcançou os 300 mil e a FOP está entre as quatro primeiras do País, na sua área. A história toda está na **última página.**

Balão-laboratório sobe 26 mil metros

Para captar a radiação cósmica antes de sua entrada na camada atmosférica, o Departamento de Raios Cósmicos do Instituto de Física manda ao ar um balão-laboratório de 30 metros de diâmetro e 50 de comprimento. É a primeira vez que um balão é lançado ao espaço com essa finalidade. **Página 9.**

O idoso no Brasil, tema de pesquisa

Na virada do século (e do milênio), o Brasil dobrará sua população de idosos. Deixaremos de ser, então, o país da juventude absoluta. Que acontecerá? Para a professora Cristina Hebling, do Departamento de História do IFCH, a sociedade terá de reaprender a valorizar a experiência e a capacidade de trabalho do velho. Confira. **Página 4.**

opinião

Eleições e cidadania

Carlos Vogt

Antes de mais nada, compartilho, com muitos outros cidadãos do País, da opinião de que as eleições para a Constituinte não deveriam coincidir com as eleições majoritárias nos Estados. Não por simples gosto de exercer a opinião, mas por achar que esta coincidência prejudica a mobilização da **midia** no sentido da formação e da informação dos eleitores quanto à importância política desse evento.

Num País cuja democracia é ainda um projeto, e cuja prática encontra obstáculos arraigados no conservadorismo canhestro de tantos setores sociais, o momento da Constituinte, depois de mais de duas décadas de ditadura e arbítrio, deve ser definidor das condições legais e legítimas que deverão amparar os novos caminhos de nossa vida institucional.

Para isso — repeti-lo não é bastante — é necessário que a nova Constituição Brasileira não resulte apenas de um acordo cartorial entre grandes interesses econômicos que impliquem somente em pequenas e pálidas transformações sociais. Para que a Constituinte seja mais do que um contrato entre elites é imprescindível que façamos valer a nossa necessidade e o nosso desejo de viver num País convicto de que a democracia é um bem eterno e que as limitações históricas de suas configurações, antes de serem desalento, são experiências que nos empurram na busca de sua plena realização.

Várias universidades brasileiras têm-se empenhado na organização de debates e programas no sentido não só de definir o seu papel no processo constitucional, como também de traçar o mapa de suas fraquezas e dos fortalecimentos que a consciência das primeiras pode nos dar, permitindo, assim, uma interação dinâmica da universidade com a sociedade mais ampla.

A Unicamp, além de encontros e debates, tem o projeto de organizar um Centro de Estudos Constitucionais, acreditando que o trabalho e a contribuição que possa dar e receber não se esgota na data das eleições. Estende-se, ao contrário, como uma onda constante, cujo compromisso não é com a ilusão de que tudo será feito no primeiro ensaio, mas que muito há a fazer e a modificar ao longo das apresentações da assembléia (eu ia escrever teatro) constituinte.

Mas como as eleições aí estão, e como é fundamental a qualidade dos atores para o bom desempenho do elenco e a boa apresentação da peça, o primeiro passo é escolhermos representantes legítimos das aspirações sinceras que todos temos, quer em relação à universidade, num plano restrito, quer a do seu papel social, cultural e político na consolidação da via democrática para o Brasil.

Se os acertos não forem definitivos nessa Constituinte, já que o processo é complexo e a maturidade política de boa parte de nossos dirigentes ainda está de vez, para não dizer inteiramente verde, que ao menos os desacertos daí decorrentes sejam apenas erros ou enganos, mas que não sejamos, em nenhuma hipótese, enganados. Mais do que isso, se não for possível acertar em cheio, que a Constituinte ao menos seja forte o suficiente para garantir o compromisso político e social com a população que vai elegê-la de que não haverá mais retrocessos e que a modernidade industrial, tecnológica e econômica do País seja o **point of no return** de nossas metas sociais e culturais.

Nas eleições majoritárias, em particular nas eleições para governador do Estado de São Paulo, penso que a postura deve ser a mesma. O esforço comum há que ser feito com o objetivo de garantir programas cada vez mais comprometidos com as conquistas sociais que o avanço democrático destes últimos quatro anos vem consolidando.

No plano partidário, a importância dessas eleições é também singular. Qualquer que seja o resultado — esperando e lutando, contudo, para que ele não dê a vitória ao retrocesso e ao arbítrio —, tudo leva a crer que teremos de repensar crítica e positivamente a estrutura e o papel dos partidos progressistas, tanto na atuação da Constituinte, como na do Governo do Estado e ainda no direcionamento, compromissos e programas desta e da futura presidência do País.

À Universidade, mais uma vez, com a autonomia que a consagra na letra e se concretiza na prática através da democratização das demais instituições sociais, à Universidade, pois, cabe o papel não do paciente eleitoral, cujo voto o candidato conquista com promessas vãs e banalidades pseudo-democráticas, mas o papel ativo de um ator político que, afirmando e reafirmando sua autonomia, traça fundo o seu compromisso com a sociedade e com este anjo tutelar da razão, do conhecimento e da qualidade da vida: a liberdade.

A Universidade, também no caso das eleições majoritárias de 15 de novembro, tem de estar presente com o seu desejo e a razão intelectual de sua existência e de sua busca. Desejo de consolidar a sua autonomia e assim melhor contribuir para o desenvolvimento pleno da sociedade rumo à democracia; razão intelectual que se a faz, em princípio, diferenciada, na verdade se constitui na razão mesma de sua existência: a busca da liberdade que nos tornará, universitários ou não, iguais nos direitos, felizes nos desejos e responsáveis nas obrigações.

Carlos Vogt é poeta, professor de lingüística do Instituto de Estudos da Linguagem e Coordenador Geral da Universidade (CGU).

Desafios da transição

Eliézer Rizzo de Oliveira

São muitos e de ordem variada os desafios que a Nova República apresenta à universidade brasileira. Alguns são ligados ao seu financiamento, que foi comprometido por anos e anos de vacas magras. A transição política é em si mesma um objeto que desafia a capacidade de investigação da universidade. Do mesmo modo, em que pesem as diferentes posturas sobre a sua forma, a Constituinte constitui — nos planos das práticas políticas e da simbologia da vida institucional — um imenso desafio à capacidade de criação crítica da universidade.

Outros desafios poderiam ser arrolados se tomássemos apenas os itens da dívida social contraída pelo Estado nos últimos vinte anos, todos eles demandando uma resposta ativa dos meios universitários (e que incluem a recuperação do poder dos salários). Gostaria de destacar alguns, tomados no interior da própria universidade, que supõem as relações desta com a sociedade e o Estado. O primeiro aparece com a Nova República, tendo sido no entanto antecipado em dois anos pelas universidades oficiais paulistas: a necessidade de que as direções universitárias (institucionais ou associativas) reconheçam nos representantes do Estado a condição de portadores de legitimidade política. Isso não quer dizer absolutamente renunciar à vontade política e à organização que lhe é natural. Mas significa partir de uma constatação simples (e até singela) de que Montoro e Sarney não são a mesma coisa que seus antecessores. Em outros termos, as bandeiras das lutas universitárias e os processos de negociação são indiscutivelmente atingidos pelo processo de democratização e as alusões à pretensa "identidade" entre situações políticas tão distintas denotam equívoco de avaliação. A ANDES não se adaptou com facilidade, como demonstra o seu congresso de Vitória, realizado no início do ano passado, que por pouco não aprovou um voto de repúdio à iminente nomeação do ministro da Educação semanas após o presidente eleito ter feito voluntariamente um compromisso na UnB em favor das principais teses da Associação.

Um segundo desafio diz respeito às formas de participação dos segmentos da universidade na escolha dos dirigentes. Durante o regime autoritário muitos de nós cremos com convicção que deveríamos elegê-los diretamente, restringindo o processo ao nível em que ocorresse a eleição. Assim, a universidade elegeria o reitor sem participação do governador, a unidade o seu diretor sem a participação do reitor, e assim por diante, num sistema paritário. Vejo que chegou o momento de uma reflexão institucional sobre este processo na medida em que a universidade não é isolada da sociedade que a sustenta e que lhe confere sentido de vocação e responsabilidade social. A verdade é que o fechamento auto-defensivo da universidade perante o autoritarismo acabou por acentuar-lhe os elementos corporativos preexistentes, os quais marcam especialmente algumas áreas de conhecimento. O espaço democrático apresenta este desafio de reexaminarmos as formas de participação e a natureza dos procedimentos que se tornam (ou tendem a tornar-se) dogmáticos. Em suma, é preciso retomar uma antiga tese do movimento docente: a conciliação da participação da comunidade com as prerrogativas de deliberação superior dos colegiados democratizados. A meu ver, isto só é possível se reconhecermos os pesos diferenciados dos segmentos e o caráter indicativo das consultas. Do contrário, não apenas não se obtém a referida conciliação como se tenderá a esterilizar a vida universitária e o mérito científico num assembleísmo perigoso.

Finalmente, vivemos uma oportunidade ímpar para conceber um sistema universitário (ao invés da genérica "universidade brasileira") fundado nas universidades públicas que, mantendo suas vocações regionais, poderão potenciar seu crescimento mediante uma colaboração institucional com as mais desenvolvidas no interior do País. É o que o reitor Paulo Renato Costa Souza tem chamado de "sistema de tutoria" mediante o qual a Unicamp, por exemplo, pode ajudar outras universidades a criar cursos de graduação e de pós, implantar projetos de pesquisas etc., numa união salutar entre o nome e a competência de uma universidade e as necessidades do País circunscritas às vezes a uma situação regional. O primeiro passo é dado pelo protocolo de cooperação firmado pela Unicamp, Usp e Unesp com diversas universidades públicas municipais e estaduais, recentemente, em nossa Universidade. O campo está aberto à cooperação e as perspectivas são promissoras.

Eliézer Rizzo de Oliveira é professor do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Coordenador do Núcleo de Estudos Estratégicos e Chefe de Gabinete da Reitoria.

CARTAS

Sr. Editor

Dirijo-me a V. Sa. para registrar, em nome desta Faculdade, o nosso aplauso à iniciativa e qualidade do "Jornal da Unicamp", editado por essa Assessoria de Comunicação.

Declaro que existe grande interesse em integrar o esforço de ampliação do fluxo de informação, o que vem de encontro ao nosso trabalho de tornar a Faculdade de Educação Física desta Universidade um centro de excelência na área.

Declaro, ainda, que estamos montando uma proposta de implantação da pós-graduação a nível de mestrado e ampliando nossa atuação junto à comunidade universitária, para o que já contamos em nosso corpo docente com profissionais qualificados, alguns oriundos de outras universidades brasileiras e acredito que tanto os professores como o processo de crescimento, por que passa atualmente esta Faculdade, podem e devem interagir com a comunicação. **João Batista Andreotti Tojal**, diretor da Faculdade de Educação Física da Unicamp.

● ● ● ●

Cumprimento a equipe responsável pela elaboração do "Jornal da Unicamp", formulando votos de que cumpram, com êxito, os objetivos a que se propõem, na busca da realidade através do debate aberto e consciente. **Rubens Bussacos**, diretor-geral do Departamento Nacional de Telecomunicações (Dentel), Brasília, DF.

● ● ● ●

Valho-me desta para solicitar a V. Exa. que proceda a uma atualização na tabela de conceitos atribuídos pela CAPES aos Cursos de Pós-graduação, publicada no 2.º Jornal da Unicamp. Onde se lê: Genética B+ e B+ leia-se A e A para o biênio 84/85 e Biologia Celular C leia-se B para o mesmo biênio.

Tal retificação prende-se ao fato de que não tínhamos conhecimento dessa informação até o dia 10 p.p. e, como os conceitos afetam os Cursos, seria conveniente que constasse a informação atualizada. **Valéria Ap. Duarte de Souza**, pela Pró-reitoria de Pós-graduação da Unicamp.

● ● ● ●

O pioneirismo de se criar um veículo condutor de práticas e vivências coletivas contribuiu para fazer do debate e da informação instrumentos de aperfeiçoamento e formas de capacitar e desenvolver nossos recursos humanos. **Pedro Zaghi**, Assessoria de Treinamento da DGRH.

● ● ● ●

Correção — **No perfil da Faculdade de Ciências Médicas publicado na edição anterior, página 12, problemas técnicos levaram à supressão involuntária de uma linha e ao truncamento de uma declaração do aluno Adílson Rocha Campos. O texto correto é o seguinte: (Adílson) "cobra, no entanto, uma ampliação do quadro de professores em tempo integral. Ele vê prejuízos no ensino com professores em tempo parcial, assim como na divisão entre docência, assistência e pesquisa". A supressão da linha dava a entender que o aluno defendia a ampliação do quadro de professores em tempo parcial, o que, na verdade, corresponde ao oposto do que Adílson quis dizer.**

jornal da UNICAMP

Uma publicação da Universidade Estadual de Campinas.
Reitor: Paulo Renato Costa Souza
Coordenador Geral da Universidade: Carlos Vogt
Pró-reitor de Graduação: Antônio Mário Sette
Pró-reitor de Pós-Graduação: Bernardo Beiguelman
Pró-reitor de Pesquisa: Hélio Waldman
Pró-reitor de Extensão: José Carlos Valladão
Pró-reitor de Desenvolvimento: Ubiratan D'Ambrósio
Este jornal é elaborado pela Assessoria de Imprensa da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Correspondência e sugestões: Cidade Universitária "Zeferino Vaz", Cep: 13081, Campinas, S.P. Telefone: (0192) 39-3134/39-3148. Telex: (019) 1150.
Editor: Eustáquio Gomes
Redatores: Amarildo Carnicel, Antônio Roberto Fava, Graça Caldas, Marcus Vinicius Ozores.
Fotografia: Antoninho Perri
Diagramação: Amarildo Carnicel
Paste-up e arte final: André Alvarez e Clara Salinas
Serviços Técnicos: Sônia Regina T.T. Pais, Clara Eli M. Salinas, Hélio Costa Júnior.

COMPOSIÇÃO, FOTOLITO E IMPRESSÃO
IMPRENSA OFICIAL DO ESTADO S.A. IMESP
Rua da Mooca, 1921 — Fone: 291-3344
Vendas, ramais: 257 e 325
Telex: 011-34557 — DOSP
Caixa Postal: 8231 — São Paulo

Entrevista: reitor Paulo Renato Costa Souza

Como permanecer na vanguarda?

Seis meses após o início de sua administração, o reitor Paulo Renato Costa Souza faz uma análise de seu trabalho e presta contas à Comunidade. O reitor fala de suas prioridades, do processo de institucionalização, dos programas integrados de pesquisa, da reforma administrativa e do papel que a Unicamp está cumprindo no plano nacional e do Estado.

Jornal da Unicamp — Passados seis meses do início de sua administração, que avaliação o sr. faria da situação da Universidade?

Reitor — Seis meses depois, já é possível traçar um diagnóstico real da Universidade e do seu desempenho nos próximos anos. Nada do que encontrei constitui surpresa. As virtudes e os defeitos, os problemas e as pontencialidades da Unicamp — basicamente eu já os conhecia. Eles têm sido, aliás, o tema da maratona de debates que venho mantendo com diretores e professores desde abril último. Tenho visitado todas as congregações e procurado, de maneira a mais aberta e franca possível, expor minhas idéias centrais e ouvir as da comunidade.

JU — Que idéias são essas?

Reitor — Em primeiro lugar, promover a reforma administrativa. Estamos realmente empenhados nisso. O que buscamos é uma real descentralização e uma participação maior das Unidades nos processos de decisão. Temos procurado definir, por exemplo, junto com os diretores, o orçamento, os créditos suplementares e as necessidades das Unidades. Por outro lado tenho procurado fazer com que todas as decisões importantes sejam submetidas e discutidas no Conselho Diretor. Eu diria que, hoje, o Conselho Diretor tem de fato o comando da Universidade.

JU — Sobre que outras decisões o Conselho passou a influir?

Reitor — O Conselho ampliou o seu papel chamando para si tarefas que desde sempre deveriam ser suas. Um exemplo: é no Conselho que se decidem hoje as novas áreas em que a Universidade deve investir. Para isso, naturalmente, o Conselho não precisa consultar cada congregação, cada departamento, cada professor. Cabe a ele a responsabilidade pela visão estratégica, pela grande política da Universidade. Estas é que têm de ser discutidas no Conselho e isto acho que estamos conseguindo.

"estamos estimulando programas que respondam às necessidades do País"

JU — Estes seis meses iniciais foram de estudo da situação ou já foi possível fazer alguma coisa?

Reitor — No âmbito administrativo, como disse, procuramos descentralizar a execução orçamentária. No processo de distribuição de verbas, havia tarefas que eram cativas da Reitoria e que agora começam a ser transferidas às Unidades. Nesse sentido fizemos apenas o necessário este ano, mas faremos muito mais no ano que vem. O ano de 1987 deverá ser um marco no processo de descentralização da Unicamp.

JU — E no plano acadêmico?

Reitor — Este é um segundo ponto. Iniciamos a definição de uma série de programas integrados de pesquisa em informática, biotecnologia, química fina, fusão nuclear e ciências humanas. Estamos estimulando cada setor a discutir suas questões próprias e a estabelecer programas que sejam complementares entre si e respondam concretamente às necessidades do País. Esses programas, em seu conjunto, estão sendo discutidos com as autoridades federais. Acredito que oferecerão uma visão muito mais ampla do que é possível fazer numa universidade que aquela oferecida pelo pesquisador ou pelo grupo que trabalha solitariamente e quase sempre sem apoio.

JU — Os programas integrados representariam uma nova modalidade de interdisciplinaridade?

Reitor — Certamente, porque em muitos dos programas teremos a integração de ações de departamentos, de laboratórios, de setores de departamentos, de unidades e de núcleos. São programas que sobrepassam a estrutura institucional. A idéia é que tenham um conselho de coordenação, um coordenador. Mas veja bem: não queremos encarcerar a pesquisa da Universidade nesses programas, mas sim oferecer uma oportunidade àqueles grupos que desejam trabalhar em projetos coordenados. Sem prejuízo, claro, para a pesquisa autônoma.

JU — Há um terceiro ponto?

Reitor Paulo Renato: "Investir em áreas estratégicas para o desenvolvimento".

Reitor — Sim, o da institucionalização. O Conselho Universitário deverá ser colocado em funcionamento já em março do ano que vem em substituição ao Conselho Diretor. Com isso completamos uma série de grandes transformações que se iniciou com a instalação das Congregações, passou pelo estabelecimento dos quadros e finalmente pela forma de acesso aos quadros permanente, suplementar e especial dos docentes.

JU — Qual a real importância da mudança?

Reitor — A Unicamp viveu precariamente quinze anos do ponto de vista institucional. Até quatro anos atrás não tínhamos praticamente nenhuma congregação funcionando. Não tínhamos também um quadro de carreira. O estatuto da Universidade era uma cópia do da Usp. Este que estamos criando é produto de nossa própria experiência. Temos já agora uma estrutura de congregações — com a participação paritária dos níveis de carreira docente — que não existe em nenhuma outra universidade brasileira. Quanto ao Conselho...não teremos um Conselho paritário, mas teremos um organismo extremamente representativo. Passaremos, por exemplo, de seis para quinze o número de docentes eleitos, e teremos, segundo proposta da Reitoria, a eleição de dois funcionários. Então, de fato, vamos ter a participação de toda a Universidade no Conselho, porém uma participação diferenciada que reflete exatamente as diferentes responsabilidades de cada segmento dentro da instituição.

JU — É possível institucionalizar sem enrijecer?

Reitor — Se estivéssemos ainda submetidos a uma lei externa e extemporânea, poderíamos falar em perda de agilidade. Estabelecer e fortificar os mecanismos de decisão da Universidade, porém em nenhum momento haverá de significar perda de flexibilidade. Este é, mesmo, um grande desafio. O fato, por exemplo, de termos criado as Pró-reitorias já contribuem, e muito para agilizar os processos na Universidade, especialmente aqueles relacionados com a pesquisa e com o ensino de graduação e pós-graduação.

"agora vamos passar a ter, de fato, um Conselho Representativo"

JU — A agilização de processos evoca a questão burocrática. O que i ser feito nos próximos meses para melhorar a máquina administrativa?

Reitor — Devo reconhecer que essa é uma área que ainda está mal. A necessidade de melhora é quase gritante. Em outubro criei um grupo especial de reforma administrativa que redefinirá os procedimentos burocráticos dentro da Universidade, informatizará os trâmites administrativos e remanejará pessoal. Terá enfim todos os poderes para, até julho próximo, termos uma administração muito mais leve e mais ágil. Isso não significará dispensar pessoal. Podemos, com o mesmo número de pessoas, fazer as mesmas coisas. Só que é preciso fazer melhor.

JU — Há alguma idéia de como isso pode ser feito?

Reitor — Estamos juntamente concluindo um diagnóstico do fluxo de papéis na Universidade. É um absurdo. É uma verdadeira teia de aranha. Há pedidos de compra que levam 50 assinaturas. A Diretoria Geral de Administração, a DGA, já fez um seminário para diagnosticar essas questões. Vamos atacar o problema em duas frentes: primeiro, a curto prazo, vamos criar um grupo emergencial para eliminar a burocracia das compras, com a participação de todas as Unidades; e, a médio prazo - ou seja, até julho próximo -, tratar de implantar **in totum** a reforma administrativa.

JU — Esta reforma administrativa inclui cursos de reciclagem do pessoal, visando a uma maior competência em suas áreas de atuação?

Reitor — Este é um pré-requisito de toda administração moderna, a permanente atualização dos funcionários. É preciso aumentar a freqüência e a participação nos cursos, para que maior número de funcionários possa se reciclar, entender os objetivos da organização, discutir novos procedimentos e se engajar de fato no processo de crescimento da Universidade.

JU — Desde os tempos do fundador Zeferino Vaz a Unicamp é tida como uma espécie de Universidade do futuro. Não há risco de vê-la transformada numa espécie de simulacro do "Brasil País do futuro", futuro, aliás, sempre adiado?

Reitor — A Unicamp é uma Universidade do presente. Ela é a Universidade de vanguarda do Brasil de hoje. Não é mais uma instituição do futuro. É uma instituição com 20 anos e que, curiosamente, já tem tradição. É uma Universidade que tem como tradição uma dedicação maior à pesquisa, em comparação com outras universidades brasileiras. Tem uma participação nos projetos de desenvolvimento tecnológico do País e uma contribuição muito grande, na área de pós-graduação, figurando sempre nos primeiros lugares entre as universidades brasileiras. Há uma série de coisas que apesar dos vinte anos já são marca registrada da Unicamp. Então neste sentido, o sonho de Zeferino já está realizado. A Universidade é esta. O que nós precisamos agora é levá-la adiante.

JU — De que maneira é possível avançar?

Reitor — Em primeiro lugar temos que renovar nosso parque de instalações. São instalações feitas há mais de 15 anos. Equipamentos precisam ser trocados, substituídos, consertados. Esse processo de reequipamento já teve início. Só este ano investimos em equipamentos quase 180 milhões de cruzados. São quase cerca de 13 milhões de dólares.

JU — Este investimento representa quanto em relação às necessidades da Universidade?

Reitor — Acabamos de fazer um levantamento nas Unidades e chegamos à conclusão de que com 36 milhões de dólares reequiparemos todo o conjunto da Universidade. Estamos então dando um passo importante este ano. Espero que na minha gestão consigamos completar totalmente esse processo. Mas reequipar a Universidade não basta, temos também de investir em áreas estratégicas para o desenvolvimento científico e tecnológico do País, como por exemplo a engenharia genética, a energia de fusão nuclear, a biotecnologia e a química fina. Temos que reconhecer que nossa capacidade nessas áreas ainda é limitada. O objetivo da Universidade é justamente o de criar competência para se tornar um centro de excelência a nível nacional também nessas novas áreas, porque do contrário vamos perder um pouco a posição que temos hoje. Queremos manter a posição da Unicamp como Universidade de vanguarda e para isso precisamos investir não apenas nas áreas em que temos competência. Neste aspecto é fundamental ampliar o relacionamento internacional da Unicamp, especialmente com Centros de excelência dos Estados Unidos e Europa. Precisamos não apenas trazer gente de fora, mas também levar gente para fora. Temos de ter algumas áreas e centros na Universidade em que possamos tranqüilamente receber gente do primeiro nível internacional.

JU — É dentro dessa preocupação que se insere a recente aquisição dos laboratórios da Monsanto para pesquisas em biotecnologia e a perspectiva da criação de um centro de engenharia genética?

Reitor — Exatamente. Damos ali uma demonstração clara de que estamos jogando pesado na áea da biotecnologia. Vamos ter um centro de biotecnologia bastante especializado e muito bem equipado na área de bioquímica, química de produtos naturais e crescimento de plantas. Criamos um centro pluridisciplinar em química e biologia e, ao mesmo tempo, é preciso avançar com a idéia de um centro na área de engenharia genética. Esse outro centro está sendo criado a partir de instalações que embrionariamente já temos no campus. Além disso destacaria ainda a área de informática, que é onde estamos fazendo o investimento mais pesado.

"com 36 milhões de dólares reequiparemos toda a Universidade"

JU — A Unicamp sempre foi considerada um centro de excelência nas áreas de pós-graduação. Agora, quanto à graduação, o que se pretende fazer?

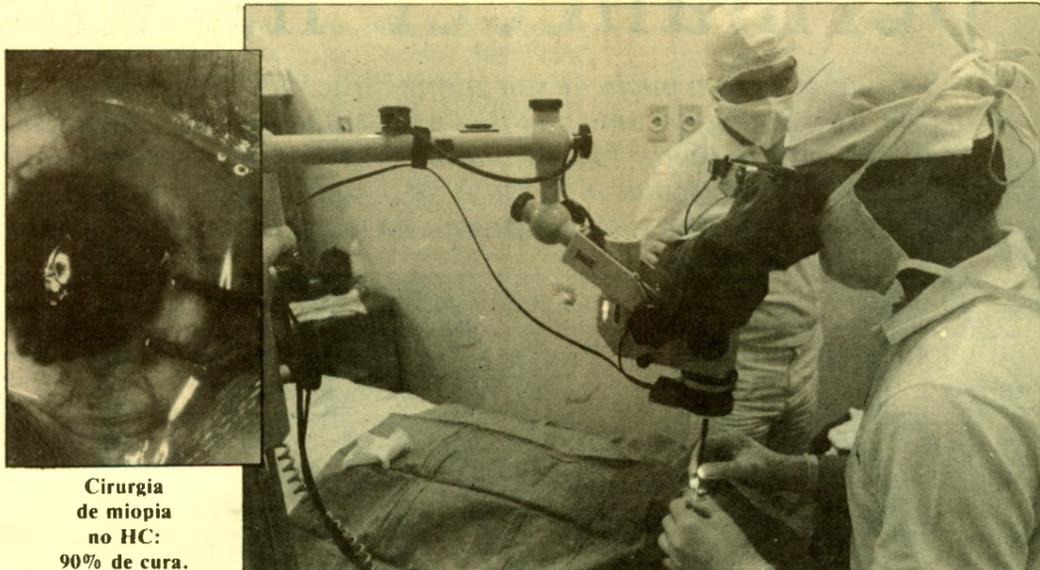
Reitor — A criação de uma Pró-reitoria de graduação comprova que estamos investindo de forma decisiva na área. O próprio vestibular é uma primeira e grande mudança. Além de procurarmos selecionar o aluno segundo sua capacidade real, estaremos também preocupados com o seu acompanhamento ao longo do curso. A Pró-reitoria de graduação acaba de me entregar um diagnóstico da situação no setor. Muitas das medidas ali propostas serão implementadas no próximo ano, entre elas o reequipamento dos laboratórios de graduação. Outra providência é criar novas formas de estímulo ao docente de graduação.

JU — O País está às voltas com eleições gerais e a universidade, partidariamente isenta enquanto instituição, dependerá, entretanto, em boa dose, das novas ordens políticas que se estabelecerem. Terá de conviver com elas. A Universidade está apta a se ajustar ao que vier?

Reitor — Essa é uma questão importante. A Universidade é hoje muito mais autônoma e independente do governo do Estado do que era há quatro ou oito anos. Teremos um Conselho Universitário plenamente estabelecido e as Congregações funcionando. O processo de institucionalização estará, enfim, completo. A Universidade tem hoje defesas institucionais que antigamente não tinha. Por isso foi tão importante a legalidade dentro da Universidade. Em segundo lugar, a Universidade tem um nível de relacionamento dentro do governo, e também no setor privado, muito maior do que tinha antes. Ela é hoje relativamente mais independente em relação ao Governo do Estado.

Miopia, os nossos índices de cura

O Departamento de Oftalmologia da Faculdade de Ciências Médicas da Unicamp encerrou em outubro um trabalho pioneiro na área de cirurgia de miopia. Após rigorosa seleção feita pelos especialistas, 50 pacientes foram submetidos à cirurgia e o resultado foi surpreendente: 90% dos operados não precisam mais usar óculos, superando o índice alcançado pelos especialistas norte-americanos, que é de 85%, — não desconsiderando, contudo, o maior número de casos de alta miopia registrado no estudo feito nos Estados Unidos.

O trabalho realizado pelos médicos da Unicamp difere dos demais existentes em um ponto: as pessoas que se submeteram à cirurgia trabalham ou estão de alguma forma ligadas à Universidade. "É um trabalho de muita responsabilidade", afirma o chefe do Departamento de Oftalmologia, prof. Newton Kara José. "Acredito que, no mundo todo, nenhuma equipe médica teve a coragem de realizar esse estudo no próprio ambiente de trabalho". A experiência mais próxima da realizada pela Unicamp foi o chamado 'Estudo Perk" **(Prospective Evaloation of Radial Keratotomy)**, um trabalho conjunto de onze universidades norte-americanas. O índice alcançado, porém, ficou 5% abaixo dos níveis da Unicamp.

Cirurgia de miopia no HC: 90% de cura.

Todas as cirurgias foram precedidas de palestras de esclarecimento. "Nada foi ocultado", diz o prof. Newton Kara. Os médicos preocuparam-se em conscientizar os interessados acerca dos riscos da cirurgia e dos problemas que podem sobrevir a curto e a longo prazo. Desse contingente, um terço optou pela realização da operação. Desses, alguns foram desaconselhados por problemas clínicos. Sete fatores foram levados em consideração: idade, sexo, grau de miopia ou astigmatismo, pressão intra-ocular, curvatura e espessura de córnea, e a presença ou não de patologia ocular.

Os pacientes operados foram divididos em três classes: miopia baixa (de 1,75 graus a 2,75); média (acima de 2,75 até 4,75) e alta (acima de 4,75 até 8 graus). A totalidade dos pacientes com baixa miopia pode esquecer o uso dos óculos; dos pacientes com miopia média, 90,4% não precisam mais usar óculos a não ser em ocasiões muito especiais; e 76% estão com 100% de visão. Dos operados com alta miopia, 72% não precisam mais de óculos e 38% ficaram com visão perfeita.

Para o prof. Newton Kara, o trabalho desenvolvido por sua equipe, que inclui os médicos Péricles Ribeiro Gomes de Deus e Carlos Eduardo Leite Arieta, tem por finalidade realizar uma experiência nova, programada, padronizada e com acompanhamento pós-operatório. "Tenho certeza de que após a divulgação desse estudo o número de cirurgias realizadas inadequadamente, por vários motivos, deverá ser reduzido a próximo de zero", garante Kara. O estudo será apresentado no Congresso Peruano de Oftalmologia a partir de 2 de novembro, em Lima, e também em reunião da Associação Panamericana de Oftalmologia, que acontecerá de 9 a 14 do mesmo mês, nos Estados Unidos.

Pesquisa estuda idoso no país dos jovens

A crescente queda nas taxas de natalidade, associada à melhoria da qualidade de vida da população mundial, vem fazendo com que se amplie sensivelmente o número de idosos. Assim, a preocupação com a velhice, que até pouco tempo era mais comum nos países da Europa, chega pouco a pouco ao Brasil. Considerado durante séculos como "país dos jovens", o Brasil verifica um aumento substancial em seu número de idosos. Até o ano 2000, dobrará sua população de velhos. A expectativa de vida do brasileiro, que em 1980 era de 61 anos para os homens e 65 para as mulheres, subirá até o final do século para 71 e 75 anos, respectivamente.

Historicamente, a visão do governo e da sociedade como um todo em relação a seus velhos tem sido assistencialista. O Estado está sempre preocupado em saber como atender aos velhos do ponto de vista da saúde e do lazer. Para "traçar a genealogia da velhice no Brasil, saber como "nascem" os velhos, quais as chaves para o seu ingresso no mundo dessa camada social discriminada e marginalizada e saber como ela se compõe", a profa. Cristina Hebling Campos, 32 anos, do Departamento de História da Unicamp, desenvolve um projeto de pesquisa que é também objeto de sua tese de doutoramento.

Ao lado do título de seu projeto, "Trabalho e Idade — a Genealogia da Velhice no Brasil", a profa. Cristina colocou a seguinte epígrafe extraida de Goethe: "Assim pois, velho alerta,/Não te deixes entristecer/Malgrado teus cabelos brancos/Ainda podes amar". A escolha reflete bem o espírito do trabalho da pesquisadora, que questiona os critérios definidores da velhice. Segundo ela, "a velhice só existe a nível conceitual, a nível de representação social". Algo inteiramente construído, assim como o termo "terceira idade", que começa a ser introjetado nas pessoas.

De sábio a idoso

Com a colocação do velho, quer pelo mercado de trabalho, quer pela família ou pela sociedade, num crescente segundo plano, a imagem do velho sábio — do conselheiro — vai aos poucos desaparecendo. Na verdade, segundo a historiadora, esta é também uma mística, criada em torno do velho, que deveria acabar.

Para a prof.ª Cristina (ao lado), é preciso redescobrir o encanto da velhice.

Como a velhice está normalmente vinculada à idéia de morte, questão nada resolvida pelo ser humano, à medida que os anos vão passando cresce o medo da morte e se verifica uma acentuada negação da velhice. Negando a velhice, o ser humano deixa de vivenciar este momento com a lucidez que lhe é peculiar e termina recorrendo ao passado, às memórias. O presente praticamente inexiste. As observações são da pesquisadora.

A recuperação da imagem da velhice pode estar baseada no próprio fato de que "a realização e a criação não têm nada a ver com a idade" comenta a profa. Cristina. O economista Eugenio Gudin, considerado o pai da economia brasileira, morreu com um século de vida; os juristas Sobral Pinto, 91, e Afonso Arinos, 80; o legendário Luís Carlos Prestes, ex-secretário geral do Partido Comunista Brasileiro, 87; a atriz Henriqueta Brieba, 85; o ativíssimo historiador Hélio Silva, 72; e a poetisa Cora Coralina morreu preparando seu último livro, aos 90. Todos estes e muitos outros, "velhos" dentro da definição oficial, porém extremamente jovens e lúcidos em suas diferentes áreas, são exemplos de que não se pode discriminar a pessoa por sua idade.

Como a sociedade teima em marginalizar as pessoas com mais de 40 anos — o que pode ser constatado pelo farto número de anúncios de empregos colocados diariamente nos classificados dos jornais —, os próprios velhos reconhecem e incorporam o conceito de que a velhice não é o período áureo de suas vidas e, por isso, para se manterem vivos, recorrem à memória. Os estudiosos da velhice, por sua vez, de acordo com a profa. Cristina, também se preocupam em colocar a mística do velho fora do real para encontrarem algum encanto na velhice.

O império da razão, do racional na sociedade moderna, coloca a questão da velhice de uma forma determinística; em sua pesquisa, a profa. Cristina quer recuperar outra dimensão do tema, discutindo a questão do ego, da raça, para saber o que determina de fato a velhice, quais são os sintomas e os marcos que a diferenciam nas variadas culturas.

Por uma nova abordagem

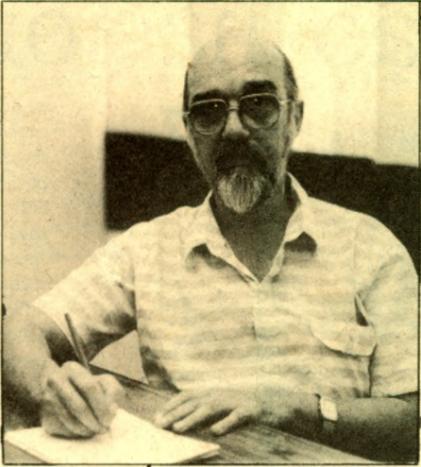
Para a professora do IFCH, a forma de abordagem brasileira da questão da velhice está presa a uma interpretação americana centrada no conflito das gerações, e que é radicalizada no assistencialismo físico e psicológico da velhice, sem apresentar inovações. A historiadora não vê solução social para a velhice.

As grandes políticas sociais em torno da velhice seriam totalitárias. Ela não acredita numa política de massas. A profa. Cristina acha que "seria necessário um repensar de cada indivíduo que se está propondo a pensar na questão da velhice". Em seu trabalho, a historiadora não pretende "apontar soluções, mas analisar os caminhos já percorridos", além de fazer seu próprio percurso pelos asilos e num contato direto com os "velhos".

Em sua pesquisa, a idéia de circularidade está sempre presente. A fragmentação do velho é um dado real. Múltiplas são as facetas de sua personalidade, o que a obriga a trabalhar em cima de colagens, captando os vários momentos dos depoimentos dos velhos com suas lógicas variadas. A "identificação entre o real e o imaginário" é uma constante.

A dificuldade de trabalhar o tema a nível de pesquisa foi também relatada pela historiadora. Seu objeto de trabalho não é algo impessoal. "Não dá para me colocar fora da fragmentação e como sujeito do conhecimento livre da própria questão que se está colocando que é a velhice. Eu estou impregnada disso e quero trabalhar com a velhice que está aqui, agora, ou seja, trabalhar com o seu presente."

No momento, a profa. Cristina está pesquisando no arquivo Edgard Leuenroth do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da própria Universidade, onde existe uma vasta documentação ligada a uma suposta transição na representação do velho na sociedade. Estão sendo analisados folhetos, livros, jornais, documentos em geral, inclusive fotográfico.

Prof. Sette: reformulação a partir de um levantamento minucioso

Uma das metas é intensificar a iniciação científica na graduação.

Nova filosofia para a graduação

Os 26 cursos de graduação da Universidade, que reúnem hoje 6.355 alunos distribuídos em nove institutos e dez faculdades nos campi de Barão Geraldo, Limeira e Piracicaba, encontram-se em fase de reavaliação. Uma nova filosofia de trabalho está sendo gestada na Pró-Reitoria de Graduação. Um amplo diagnóstico sobre os problemas enfrentados pela graduação da Unicamp foi desenvolvido para que novas diretrizes sejam traçadas visando a uma melhoria substancial na qualidade de ensino.

Embora universalmente consagrada por suas pesquisas básicas e de ponta, além de reconhecida pela "inteligência brasileira" como um centro gerador de conhecimento e tecnologia, a nível da graduação, muita coisa ainda precisa ser feita na Unicamp. A constatação é do próprio pró-reitor de Graduação, prof.° Antônio Mário Antunes Sette. O prof.° Sette visitou pessoalmente as unidades e verificou que se faz necessária uma reformulação urgente para colocar a graduação em pé de igualdade com a pós-graduação, para benefício de ambas.

Os problemas de graduação na Unicamp resumem-se, para o prof.° Sette, em duas questões fundamentais: uma de natureza acadêmica, outra de ordem material. A nova filosofia sobre os cursos de graduação que está contida na proposta do prof.° Sette — já apreciada pelo reitor Paulo Renato Costa Souza — mostra que é imprescindível melhorar a relação docente-discente através do estímulo mútuo e da valorização dos processos didáticos. "Nesse sentido não está em discussão apenas o aspecto salarial do docente, mas também a criação paralela de toda uma infra-estrutura adequada para que o conhecimento possa ser transmitido ao aluno dentro de um processo de simbiose com o professor", diz o pró-reitor de Graduação.

Para um melhor desempenho do aluno estão previstos o reequipamento dos laboratórios de ensino existentes e a criação de vários outros nas diferentes áreas. Os recursos audiovisuais, que são insuficientes e se encontram em condições precárias, serão revistos e modernizados. A monitoria na graduação está também sofrendo alterações visando ao estímulo dessa função.

O sistema de créditos nos cursos de graduação, a flexibilidade dos cursos obrigatórios, bem como mudanças na grade horária, cuja complexidade é grande, são temas a serem amplamente debatidos na comunidade para posteriores alterações. O objetivo é otimizar a carga curricular de cada curso tornando-a mais compatível com as necessidades das diferentes áreas, sem a sobrecarga que se verifica hoje em determinadas unidades. Deverão ser encontradas formas de intensificação do convívio entre alunos e professores para uma vida universitária plena. A iniciação científica, ainda reduzida na graduação, será também estimulada.

A mudança na sistemática do vestibular da Unicamp, que a partir do próximo ano realiza sua própria seleção com base em maior valorização do conhecimento (e não da habilidade para responder testes de múltipla escolha) é o primeiro passo — segundo o prof.° Sette — para um aproveitamento mais amplo daqueles candidatos com maior capacidade de reflexão.

Segundo o prof.° Sette, o "Ciclo Básico na graduação será repensado em função da flagrante dicotomia existente entre aquilo a que é ensinado e aquilo que o aluno aspira no seu curso profissionalizante". Alguns consideram o Ciclo Básico desestimulante. Já outros acham que o vestibular não deveria ser prestado para uma determinada área, mas para a Universidade, onde o aluno teria certo tempo para conhecer diferentes perspectivas profissionais e só então fazer sua opção.

Modernizar as bibliotecas e fomentar a produção de livros-textos pelos docentes da própria Universidade, reduzindo dessa forma a dependência em relação à literatura estrangeira, é outro objetivo da Pró-Reitoria de Graduação.

Dois representantes dos alunos na Diretoria Central dos Estudantes (DCE), José Monroe Eisemberg e João Feres Jr., fizeram uma análise da graduação na Universidade. Muitas de suas reivindicações coincidiram com as reformulações já propostas pela Pró-Reitoria de Graduação. Outras poderão ser objeto de estudo, como a extinção de disciplinas, a redução de carga horária e a introdução, nos critérios finais de avaliação do aluno, da chamada "monografia de Graduação" — espécie de tese a ser apresentada no final do curso.

Os alunos acham que os cursos de graduação da Unicamp ora tentam dar uma formação técnica e profissionalizante para atender às exigências de um mercado que termina não absorvendo esse contingente de técnicos especializados, e ora parte em busca de uma formação mais universal, sem necessariamente dar conta integralmente dos dois caminhos.

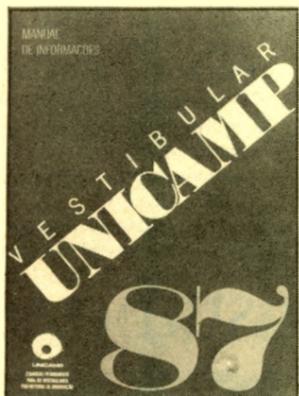
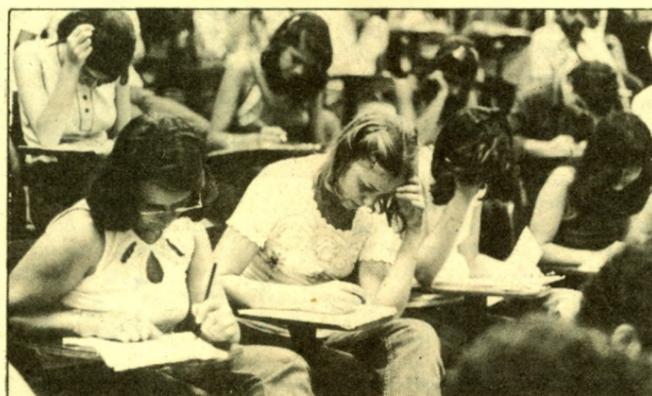
Eles entendem que sem descuidar da formação específica, a Universidade deve se preocupar também em dar uma formação de "contextualização do papel social" em cada área de conhecimento. Consideram necessária uma rediscussão para que a Unicamp redefina seu papel no contexto social, respondendo fundamentalmente a quem ela deve servir. Para o desenvolvimento de um ensino competente e crítico, é necessário, de acordo com os alunos, que a instituição se proponha a questionar esses pontos cruciais.

Um maior envolvimento dos docentes com o ensino é reivindicado pelos alunos. Eles querem, por exemplo, ter maior oportunidade de aproveitar o conhecimento dos pesquisadores. Definem a Unicamp como instituição estruturalmente voltada para os interesses políticos e acadêmicos da pesquisa. E vão mais longe: "A Unicamp não produz pesquisadores. Conta com pesquisadores que produzem pesquisas. É um grande centro de pesquisas e não de ensino da pesquisa. Para cumprir socialmente sua função — dizem — falta juntar as duas coisas".

Ao analisarem a Unicamp, os alunos reconhecem que ela foi um centro de "resistência a um regime mas não conseguiu ainda ser um centro de pensamento crítico em relação ao sistema". Para que isso se configure, acham necessário que seja aqui gerada toda uma proposta de políticas públicas voltadas para a resolução dos problemas fundamentais que afligem o País, tais como meio ambiente, educação, habitação, nutrição e saúde. Onde essas reivindicações se cruzam com a proposta de reformulação da graduação na Universidade, é o que está procurando descobrir o prof.° Mário Sette.

Tudo pronto para o vestibular sem cruzinhas

No dia 7 de dezembro próximo, os 13.113 candidatos ao vestibular da Unicamp-87 estarão enfrentando sua prova de fogo. Todos os candidatos, independente de áreas, serão submetidos nesse dia à prova de redação, na qual deverão obter um aproveitamento de no mínimo 50% para passarem aos exames da segunda fase, com data marcada para 4 a 7 de janeiro de 1987. Estão sendo oferecidas 1.380 vagas.

Essa mudança fundamental no vestibular da Unicamp que se desvincula da Fuvest e elabora um novo modelo no sistema de acesso ao terceiro grau no País faz parte da nova filosofia de ensino da Universidade. De acordo com o reitor Paulo Renato Costa Souza, as alterações possibilitarão "melhor avaliar cada um de seus vestibulandos, através de critérios que valorizarão acima de tudo a aptidão específica do candidato e sua capacidade de reflexão".

Dos 19 mil que vieram buscar o Manual, mais de 13 mil se inscreveram.

O objetivo da Unicamp é selecionar os melhores, acabando definitivamente com o sistema de múltipla escolha, onde o fator sorte muitas vezes se sobrepunha à real capacidade do candidato. Com a nova sistemática, a Universidade espera contribuir decisivamente na mudança de mentalidade do ensino de segundo grau, que nos últimos anos foi se deteriorando em função de sua adaptação ao vestibular de "cruzinhas".

A Comissão de Vestibular da Unicamp montou todo um esquema especial para garantir a tranqüilidade de seus candidatos durante os exames. Um manual detalhado sobre os cursos existentes na Universidade, contendo o calendário das provas e todas as informações necessárias ao vestibular, foi entregue aos alunos no ato da inscrição. Foram distribuídos 19.502 manuais. A diferença entre o número de manuais distribuídos e o de candidatos inscritos — 13.113 — reflete bem o interesse da comunidade estudantil e de professores em geral sobre o novo vestibular da Unicamp.

A expectativa da Comissão do Vestibular da Unicamp é manter a tendência na procura dos cursos já constatada no ano passado, concentrada nas áreas de Ciências da Computação, Medicina, Odontologia e Engenharia. As 1.380 vagas estão assim distribuídas:

— Ciências Exatas e Tecnológicas: Estatística (70) vagas; Ciências da Computação (70); Física (70); Engenharia Agrícola (20); Engenharia Mecânica (70); Engenharia Elétrica (70); Engenharia Civil (70); Engenharia de Alimentos (70); Matemática Aplicada e Computacional (35); Matemática (35); Química (70); e Engenharia Química (70).

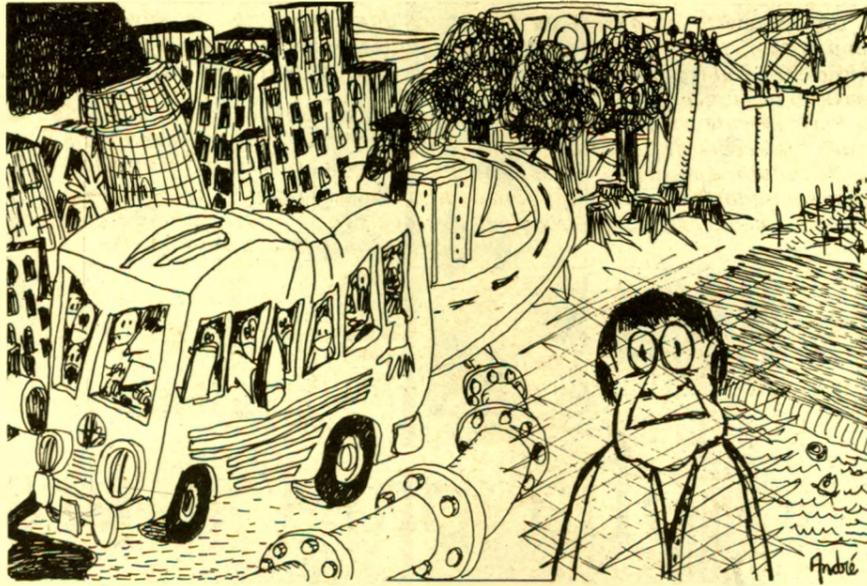
— **Ciências Humanas** — Ciências Sociais (50); Ciências Econômicas (70); História (30); Letras e Lingüística (50); Pedagogia (60).

— **Artes**: Música (40); Dança (25); Educação Artística (20); Artes Cênicas (25).

— **Ciências Biológicas e Profissões de Saúde**: Ciências Biológicas (40); Odontologia (80); Medicina (90); Enfermagem (30) e Educação Física (50).

Em exame a situação nacional

Se o governo não empreender uma reforma completa na máquina administrativa do País, dificilmente serão realizadas as reformas sociais programadas pelo governo Sarney. Essa a conclusão a que chegou o "Relatório Sobre a Situação Nacional" preparado pelo Núcleo de Políticas Públicas (NEPP) da Unicamp, editado pela Editora da Universidade e já em segunda edição. Conclusão não muito diferente é apresentada também por um outro trabalho elaborado na Unicamp, mais precisamente no Centro de Conjuntura do Instituto de Economia, e intitulado "Política Econômica da Nova República". A edição é da Brasiliense.

Os dois trabalhos assemelham-se muito, no momento em que se propõem a analisar a situação conjuntural do País, num período de transição democrática. A publicação do NEPP, em seu primeiro volume, abordou as questões de salários e rendimentos, a política previdenciária, a atenção à saúde e aos transportes coletivos. A cientista política Sônia Draibe, coordenadora do Núcleo, explica que o relatório questiona a maneira como os gastos sociais estão sendo administrados e aponta os obstáculos existentes no caminho dos programas emergenciais. "Se o governo não empreender as reformas operacionais na administração dificilmente se fará um real atendimento à população pobre", diz a prof.ª Sônia. Até o final do ano deverá estar pronto o 2.º volume do Relatório, que abordará as seguintes áreas: análise dos programas de alimentação; balanço da situação educacional do 1.º ao 3.º grau; a questão da habitação na década de 80 e, para concluir, um texto analisando a atuação da Legião Brasileira de Assistência.

Com prefácio assinado pela prof.ª Maria da Conceição Tavares, a publicação do Centro de Conjuntura, do Instituto de Economia, intitulado "Política Econômica da Nova República", analisa o desempenho da indústria, bem como as alternativas de política industrial que estão sendo cogitadas a nível de governo. A trajetória da agricultura entre os períodos de recessão e recuperação também é objeto de consideração. Os efeitos do processo de recuperação sobre o mercado de trabalho são considerados a partir de estatísticas atualizadas e, em especial, aquelas provenientes da metodologia desenvolvida através de convênio Seade/Dieese, que trata do desemprego na Grande São Paulo. A organização da coletânea é do prof. Ricardo Carneiro e representa, como diz no prefácio a prof.ª Conceição Tavares, uma síntese do pensamento econômico da ala mais jovem do Instituto de Economia. A primeira edição esgotou-se na primeira semana.

Para o próximo ano e os seguintes, o Centro de Conjuntura está programando, segundo seu diretor prof. Wilson Suzigan, uma nova série de publicações com o mesmo propósito e enfoque, mas de modo a que seja feita, a cada trimestre, uma análise circunstanciada da economia brasileira.

Monsanto: compra do Centro é formalizada

A Unicamp oficializou no último 9 de outubro a aquisição do complexo de pesquisas nas áreas de biotecnologia e química pertencente às Indústrias Monsanto, localizado a quatro quilômetros do Campus da Universidade e a 16 quilômetros de Campinas, na vila Betel, município de Paulínia.

De acordo com o reitor Paulo Renato Costa Souza, a compra do Centro, um investimento de 3 milhões de dólares — cerca de 42 milhões de cruzados —, inicia o processo de reaparelhamento da Unicamp e deverá beneficiar as pesquisas voltadas para as áreas de biotecnologia e química. A assinatura do contrato de compra se dará nas próximas semanas.

O imóvel inclui área de 42 hectares e 7,7 mil m² de área construída, onde estão instalados laboratórios, estufas e câmaras de crescimento de plantas. O custo do Centro, segundo o presidente da Monsanto do Brasil, George Cregg, situa-se na ordem de dois terços de seu valor real. O reitor Paulo Renato explicou que "os recursos para a compra do Centro são provenientes de financiamento do Banco do Estado de São Paulo, com aval do governo do Estado, que será amortizado pela Unicamp através de inserção dos valores nos futuros orçamentos da Universidade. Essa compra não deverá, em momento algum, onerar a Unicamp".

Laboratório será convertido em Centro Pluridisciplinar.

O Conselho Diretor, em sua reunião de 30 de setembro, criou o Centro Pluridisciplinar de Pesquisas Químicas e Biológicas, para funcionar nas instalações adquiridas da Monsanto. De acordo com o reitor, este será um Centro integrado no esforço nacional de pesquisas na área de biotecnologia, apresentando uma característica de centro nacional.

Linha de produção

Com capacidade para simular os diferentes tipos de climas do Brasil, o laboratório tem quatro câmaras Fitotron, importadas do Canadá, para cultivo de plantas. "Com isso — diz o prof. Walace Alves de Oliveira, presidente da Comissão de Implantação do Centro — podemos controlar as condições de temperatura, nutrição, umidade e luminosidade, simulando, nestas câmaras, diferentes condições climáticas". Além disso, para o desenvolvimento das pesquisas da Unicamp, o Centro Pluridisciplinar conta também com laboratórios de química, apropriados para extração e análise de produtos a partir de amostras vegetais, bem como laboratórios de biologia e câmaras de crescimento de plantas.

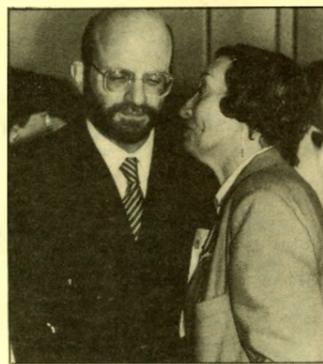
O prof. Walace explica que, para testar em escala-piloto os produtos desenvolvidos, o Centro conta com uma "planta-piloto" que possui vários reatores e todas as utilidades necessárias. Por outro lado, o sistema de segurança de trabalho nos laboratórios obedece aos mais rigorosos critérios. Há chuveiros que são acionados automaticamente em caso de princípio de incêndio ou excesso de fumaça, e as portas de ferro se abrem imediatamente quando sob risco de explosão ou contaminação com gases.

O Centro possui toda uma infra-estrutura com sistema de climatização, ar condicionado central, controle dos sistemas elétricos e bombas de vapor, gases e água quente, além de um setor de manutenção para possibilitar, de forma mais rápida, a reposição de peças necessárias aos trabalhos do Centro, assim como reparos urgentes.

Além do conjunto de laboratórios, o Centro possui ainda uma fazenda experimental de 36 hectares em terreno plano, totalmente irrigado. As pesquisas que serão desenvolvidas ali representarão promissoras linhas de investigação nos campos de Biologia, Química e em áreas correlatas.

Dívida reúne economistas de três países

"Há uma clara percepção de que os problemas econômicos da América Latina não são apenas de caráter conjuntural e demandam, para sua solução, um maior grau de coordenação entre os países da região." A declaração é do diretor executivo da Cepal (Comissão Econômica para América Latina e Caribe), Norberto Gonzales, e resume bem o espírito do seminário internacional realizado na Unicamp sob o título geral "Crise Externa e Política Econômica: os casos de Argentina, Brasil e México".

O seminário, promovido pelo Centro de Relações Internacionais do Instituto de Economia, com apoio da própria Cepal, reuniu durante dois dias na Universidade — 10 e 11 de outubro — estrelas como Ariel Buira, diretor do Banco Central do México, Roberto Frenkel, um dos pais do Plano Austral da Argentina, o ministro do Planejamento João Sayad, o diretor de mercado de capitais do Banco Central Luiz Carlos Mendonça de Barros e integrantes da equipe econômica do Governo federal como os professores João Manuel Cardoso de Melo, Luiz Gonzaga Belluzzo e Maria da Conceição Tavares, todos da Unicamp.

Conceição e Sayad: eqüidistância do FMI.

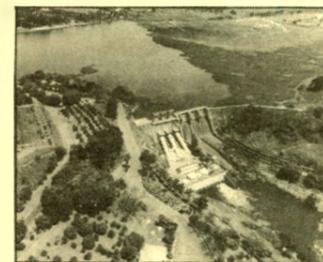
O seminário serviu como encontro preparatório à reunião extraordinária da Cepal que se realizará na Cidade do México em dezembro, convocada desta vez pelo próprio presidente mexicano, Miguel de la Madrid. Lá, como aqui, serão discutidos quatro temas básicos: a questão da dívida externa dos países latino-americanos; a política de estabilização econômica; os processos de integração das economias latino-americanas; e as mudanças econômicas de caráter estrutural e a longo prazo.

As diferenças de conduta entre os três países, no plano da negociação internacional, não deixaram de transparecer, contudo, ao longo do próprio seminário. Ficou mais uma vez claro que o México dará prosseguimento à sua política de aproximação do Fundo Monetário Internacional (FMI), enquanto Brasil e Argentina vêm preferindo uma posição de eqüidistância e relativa independência. Os dados apresentados mostraram, entretanto, um melhor desempenho das economias de Brasil e Argentina em relação ao México, tanto em termos de taxa inflacionária quanto de oferta de empregos, salários, desenvolvimento e exportação.

Unicamp traça perfil do consumo energético

Com o objetivo de dimensionar o consumo energético no Estado de São Paulo e orientar os empresários no sentido de mostrar as diferentes alternativas energéticas em cada região, a Agência para Aplicação de Energia — órgão ligado à Presidência das Empresas Energéticas de São Paulo — solicitou ao Núcleo de Energia da Unicamp e ao Instituto de Tecnologia da Universidade de Mauá o levantamento do perfil do consumo de energia na indústria paulista.

Segundo o gerente de informação e prospecção de mercado da Agência para Aplicação de Energia, Sérgio Augusto W. Ennes, o trabalho visa a adequar a matriz emergente da indústria paulista aos insumos energéticos disponíveis regionalmente, tendo em vista o mínimo custo da energia no processo produtivo. Embora a escassez de eletricidade seja um dos principais problemas do sistema energético no país — após o Plano Cruzado, o consumo aumentou consideravelmente —, o levantamento do perfil de consumo na indústria paulista não está voltado especificamente para este insumo. Tanto é que esse trabalho já foi desenvolvido há dois anos, tomando como base o consumo em 82 e 83. "O que estamos fazendo no momento é a atualização do nosso banco de dados", afirma Ennes.

O Núcleo de Energia da Unicamp — Nuclener — e o Instituto de Tecnologia da Universidade de Mauá vêm desenvolvendo esse trabalho desde o início de setembro, com previsão de entrega dos resultados na primeira quinzena de novembro. Foram destinados para o Instituto de Mauá levantamentos na Grande São Paulo, Litoral e Vale do Paraíba. A Unicamp realiza o trabalho na região de Campinas e em todo interior do Estado, totalizando 229 empresas em 64 cidades.

Orientar sobre consumo energético é o objetivo do estudo.

Quinze estagiários da Unicamp, ligados a diferentes institutos e faculdades, estão levantando o perfil do consumo anual de insumos energéticos. Querem saber, por exemplo, qual o consumo de eletricidade, carvão ou qualquer outro insumo no processo produtivo. Levantados os percentuais, pode-se checar o potencial energético da região e posteriormente orientar os empresários sobre as melhores opções de consumo, concorrendo até mesmo para eventuais mudanças de planejamento das empresas.

Entrevista: Hélio Jaguaribe

Do democratismo à democracia

Decano do Instituto de Estudos Políticos e Sociais (IEPES) e diretor do Departamento de Assuntos Internacionais do Conjunto Universitário Cândido Mendes, ambos do Rio de Janeiro, e coordenador do Projeto "Brasil Ano 2000 — por um novo pacto social", o prof. Hélio Jaguaribe, 63 anos, integra a fina flor da chamada "inteligência brasileira".

*Em entrevista ao **Jornal da Unicamp**, o prof. Jaguaribe fala da contribuição que a universidade pode dar à execução das urgentes reformas sociais no País. Discute a universidade como centro fornecedor de diploma e formador de cultura; e aposta na capacitação dos pesquisadores universitários para o desenvolvimento científico e tecnológico brasileiro.*

A forma de gestão da universidade é também objeto de reflexão do intelectual, que atribui com naturalidade maior peso de decisão aos docentes. Defensor intransigente da autonomia universitária, é também contrário ao autoritarismo interno. Acha, no entanto, que não se pode confundir democracia com democratismo.

Num plano mais amplo, Jaguaribe acredita que o governo começa a compreender o papel da universidade na resolução dos problemas nacionais, requisitando sua participação. Na repartição dos recursos do Ministério da Educação para o projeto da Nova Universidade, defende o critério da excelência das instituições.

Jornal da Unicamp — O projeto "Brasil Ano 2000 — por um novo pacto social" elaborado sob a sua coordenação, a pedido do presidente Sarney, tem por objetivo a redução ou até mesmo a extinção das desigualdades sociais no País. De que maneira a universidade pode contribuir?

Hélio Jaguaribe — Pretendemos elaborar um "Plano Plurianual de Desenvolvimento Social". Esse trabalho vai ser feito por nosso instituto, o IEPES (Instituto de Estudos Políticos e Sociais), simplesmente como um mobilizador da capacidade científica e técnica do País. E é aí que entra, precisamente, a tarefa da universidade, a partir do momento em que esteja pronto o "modus faciendi" dessa pesquisa. Vamos mobilizar a competência de todas as universidades.

A universidade vai também ser mobilizada para o lado da vertente política. Enquanto os cientistas e técnicos elaboram e detalham o Plano é preciso que o setor político mobilize o consenso nacional em torno dessa idéia de novo pacto social. E é aí que entra muito a universidade como formuladora de exigências, de expectativas e de projetos.

JU — Se o Plano Cruzado não der certo, o Plano Plurianual poderá ainda ser aplicado conforme o previsto?

Jaguaribe — O imperativo de aplicação do Plano é de tal ordem que ele se torna uma prioridade número um do País. Ou se faz o Plano ou se implode socialmente. O grau de prioridade que um Plano desse requer é de tal ordem que ele fica independente de conjunturas.

"mobilizar o setor público em torno de um novo pacto social"

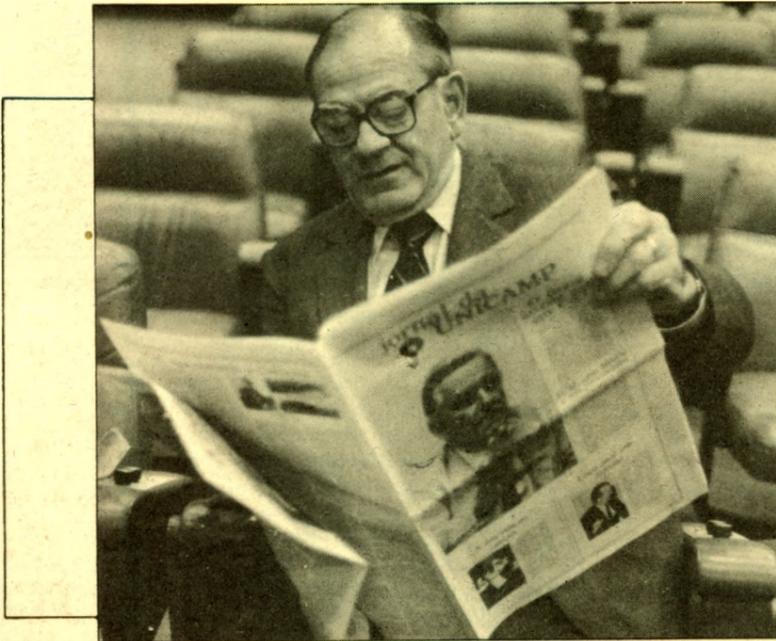
JU — A universidade brasileira está permanentemente em crise. Que caminhos o senhor vê para as instituições de terceiro grau no Brasil?

Jaguaribe — A crise da universidade brasileira apresenta duas vertentes: uma, o problema da crise de nossa sociedade em geral; outra, a crise das relações entre competências, ocupações e recursos. A primeira vertente é mais importante que a segunda. Estamos vivendo um período histórico-social no País marcado por uma grande explosão educacional pelo fato de que estão abrindo condições mais amplas para aqueles que lograram passar pelo gargalo do estrangulamento que é a educação secundária.

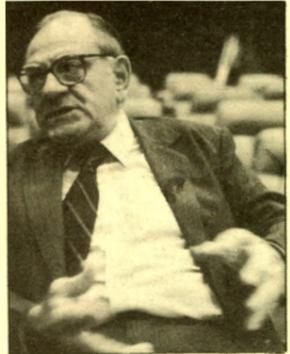
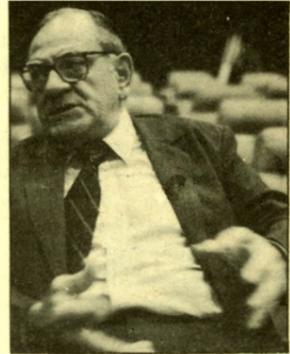
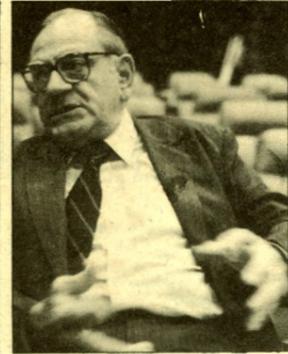
As estatísticas mostram que quase todo mundo que consegue passar pela educação secundária passa a ter acesso à superior. Aqueles que conseguem concluir o segundo ciclo, quase todos se dirigem para o terceiro grau. E se dirigem para o terceiro grau mais por ânsia de saber e de conhecimento do que pelo fato de encontrarem na titulação universitária condições de habilitação a empregos de melhor nível.

As condições próprias desse final de século XX, a relação entre educação e sociedade está claramente dividida entre dois grupos. Aquele que ocorre nos países de economia pobre e a dos países de economia poderosa. Nos países de economias débeis, onde por definição existe escassez de renda e de oportunidade, a educação tende a se converter num grande corporativismo. O estudo leva ao diploma. O diploma leva a uma pretensão de um direito subjetivo adquirido. Então, se multiplicam os mecanismos de proteção, reservas de mercado. Um negócio de grandes sistemas cartoriais em que os habilitados passam quase que automaticamente a ter acesso a uma certa parcela de repartição de renda.

Nos países que têm economias fortes, ricas, o que está acontecendo é muito interessante e, a meu ver, salutar: a diferenciação entre a educação como formadora de cultura e a educação como formadora de ocupação. Cada vez mais as ocupações bem remuneradas nos países ricos deixam de depender dos estágios mais altos da educação. É notório, por exemplo, o fato de que nos países do norte da Europa e já agora na própria Alemanha exista uma crescente falta de interesse pela educação universitária superior. As pessoas vão buscar a universidade porque querem cultura e não porque querem "status" e emprego.

JU — Na tentativa de buscar seu caminho, a universidade brasileira tem oscilado entre ser um centro gerador de pensamento crítico e um centro gerador de tecnologia, substituindo muitas vezes os institutos de pesquisa. Com isso, os professores universitários em lugar de ensinar terminam priorizando a pesquisa. Como o senhor vê essa dicotomia?

Jaguaribe: "É preciso que o liberalismo não conduza às formas infantis de democracia".

Jaguaribe — Vejo em primeiro lugar a universidade enfrentando a dicotomia entre ser centro fornecedor de diploma e formador de cultura. A meu ver é essa a primeira grande divisão. Eu diria que 95% dos estabelecimentos superiores estão vinculados à primeira atividade. Dentro de uma mesma universidade existem setores que são fornecedores de diplomas e setores minoritários formadores de cultura. Dentro dos setores formadores de cultura surge aí um pouco essa segunda divisão, que você aponta entre a cultura como reprodução crítica do saber e a cultura como expansão inovadora do saber.

Tradicionalmente se tem sustentado a conveniência de uma combinação entre as duas coisas. Embora na teoria eu seja favorável a essa idéia, em certas coisas eu diria que minha prática de professor universitário e de pesquisador tem verificado que é preciso um pouco de especialização. Se o professor está muito vinculado ao esforço docente, sua capacidade de inovação de pesquisa fica muito modesta. Então, as formas superiores de docência pós-graduanda não podem ser dissociadas da pesquisa.

"A Unicamp lembra Cambridge".

"Deve predominar a pesquisa básica".

"É preciso privilegiar o saber".

JU — Quando a universidade persegue essa pesquisa de ponta, a pesquisa inovadora, ela estaria de alguma forma prejudicando a propagação do saber?

Jaguaribe — Uma universidade boa, ampla, complexa e que tem massa crítica e "status" apropriado pode ter a pesquisa docente, que é indispensável, e pode se dar ao luxo de instituir alguns centros de pesquisa pura deixando que uma parcela de seus professores possam se dedicar a ela. É um problema de dosagem quantitativa.

JU — A Universidade como centro gerador de tecnologia estaria de alguma forma prejudicando a geração do pensamento crítico na Universidade?

Jaguaribe — Deve predominar na universidade a pesquisa básica. Entretanto, sou também favorável a que haja, dentro de uma certa taxa de tolerância, uma parte da universidade ligada a empresas. Estamos precisando ainda dar conta da revolução tecnológica. É preciso criar veiculações operativas entre a empresa e a tecnologia feita no Brasil, e para isso é necessário um esforço duplo: o do laboratório da empresa e o do laboratório universitário.

JU — A meta do governo brasileiro de dobrar o número de seus cientistas até o ano 2000 pode prejudicar o critério de qualidade? É possível fabricar tantos cientistas em 15 anos?

Jaguaribe — Se a meta quantitativa for perseguida de uma maneira não crítica, vamos gerar cientistas diplomados e cientistas reais. Acho que é possível fazer as duas coisas. Ter um horizonte quantitativo como objetivo e um processamento muito rigoroso como meio. Se não se consegue o horizonte é melhor garantir a qualidade.

JU — Quanto à busca contínua de autonomia da universidade: até que ponto a universidade deve ter seus limites?

Jaguaribe — Sou favorável à autonomia da universidade, a mais ampla autonomia possível, embora considere que deve haver uma certa instância federal, provavelmente o Ministério da Educação e eventualmente mecanismos cogestionários, como por exemplo as associações de reitores participando de sua gestão.

JU — E o projeto da Nova Universidade? Que utopia é essa de uma universidade nova?

Jaguaribe — Em geral nos defrontamos com dois tipos de problema: o de compatibilizar uma decente e sadia democratização interna e o da preservação da excelência. As experiências democratizantes em todos os países do mundo foram em geral muito caras em matéria de excelência. A democratização conduz por exemplo à crença de que todas as pessoas que estão ligadas à universidade devem votar para reitor. A meu ver isso é um absurdo. Não tem sentido que o homem que vai decidir a política acadêmica universitária seja votado, por exemplo, pelos contínuos. É uma concepção falsa da democracia. Sou inclusive resistente a que se dê um peso excessivo aos discentes na determinação do que eles devem aprender. Por definição, o discente é um carente do saber e deve entrar com humildade. É necessário estabelecer formas não autoritárias de gestão da universidade. Mas é preciso que o não autoritarismo não conduza às formas infantis de democracia.

JU — De que maneira o senhor acredita que deve ser formulada uma política científica nacional?

Jaguaribe — Sou pela idéia das misturas, das coisas equilibradas. Quanto mais escassos são os recursos de um País, tanto mais a pesquisa deve ser dirigida de maneira que atenda às prioridades, senão, evidentemente, o pouco dinheiro disponível perde toda a capacidade de reprodução científica apropriada. Como a pesquisa só é válida a partir de uma certa massa crítica, quanto mais difícil for conseguir atingir o nível da massa crítica, tanto mais programada deverá ser a pesquisa. Isso é algo que vem totalmente ao encontro de um dirigismo estatal da pesquisa e eu entraria com a minha outra dimensão. Não acredito na possibilidade de uma pesquisa totalmente dirigida, simplesmente porque a visão dos homens de estado é comandada por perspectivas limitadas. Sou forte defensor de que uma parcela substancial dos recursos, diria até majoritária, dependendo das condições, seja dirigida, do contrário não atende sua demanda. Nas condições brasileiras, eu seria favorável que uma parcela de até mais que 50% fosse dirigida, e que não muito menos de 40% fosse totalmente livre, embora dirigido a nível de excelência. Sou absolutamente contrário a uma repartição simplesmente igualitária para as universidades. Trata-se de privilegiar a excelência.

"as velhas relações entre a inteligência e o Estado entram em nova fase"

JU — Muitos intelectuais se queixam de que o Estado sempre se utiliza da inteligência a partir de seus interesses, de suas necessidades. O senhor acha que isso está se modificando?

Jaguaribe — A história da relação entre o Estado e a inteligência é mais complexa. Durante um longo período, que vem do Império até a República Velha, o Estado se sentiu obrigado a contribuir para a inteligência como uma excelência da sociedade. O Estado se sentiu obrigado a cultivar, a reverenciar as grandes figuras da inteligência. Creio que essa relação se altera a partir da Revolução de 30, quando o Estado brasileiro ficou mais funcional, mais vinculado a produzir determinados resultados e mais dependente também das flutuações da classe média.

A partir daí, o Estado começou a recrutar a inteligência com a finalidade de absorvê-la nas operações do próprio Estado. É o momento em que surge uma tecnocracia que se vai desenvolvendo cada vez mais, até chegar nos altos níveis que se tem hoje. Agora estamos começando uma terceira fase, em que o Estado continua com interesses de recrutamento tecnocrático e não pode deixar de tê-los, mas está começando a compreender que uma parcela importante de recursos públicos precisa ser orientada para as universidades e para outros setores de inteligência, de maneira desinteressada, simplesmente para tornar possível que a inteligência exerça seu papel.

JU — Como o senhor vê a experiência da Universidade de Campinas dentro do contexto mais amplo da universidade brasileira?

Jaguaribe — A Unicamp, eu confesso, é uma das universidades que me merecem a maior afeição, a maior estima. Se eu tivesse que sair de onde estou para ir para uma outra universidade, certamente a Unicamp seria uma daquelas onde eu me sentiria plenamente satisfeito. Várias coisas me atraem no campus de Campinas. Primeiro o fato de ser uma coisa boa fora dos grandes centros urbanos, aquela idéia inglesa de Cambridge, Oxford da Universidade of City. Isso eu acho muito bom. Uma universidade que está relativamente perto de São Paulo e, portanto, não constitui um exílio urbano para ninguém. É possível às pessoas terem contato com a grande metrópole sempre que necessário. Mas elas não estão envolvidas pelo seu cotidiano. Numa cidade muito civilizada como Campinas, uma graça de lugar, com um campus extremamente simpático, a ambiência é altamente favorável.

Como essa Universidade teve um compromisso com a cultura desde a sua criação pelo seu extraordinário reitor e fundador, Zeferino Vaz, e ela tem uma carga de fabricação de diplomas menor do que a estatística brasileira, eu diria até menor do que a USP, e isto é uma outra coisa que me agrada. Quanto mais a universidade colocar ênfase na produção do saber, tanto melhor. Em Campinas eu vejo isso em escala muito alta, e isso me encanta na Unicamp.

A câmera a serviço do saber

Glauber Rocha, o mais polêmico dos cineastas brasileiros, costumava dizer que, para se fazer cinema, bastava uma câmera na mão e uma idéia na cabeça. A mesma coisa talvez não se aplique na produção de um documentário científico ou de um audiovisual destinado a um público específico: a comunidade acadêmica. Embora não seja considerado arte, no sentido estrito da palavra, o trabalho desenvolvido pelo Centro de Comunicação da Unicamp está entre a produção acadêmica visual e a sétima arte. Isso pelo extremo cuidado e o alto padrão exigidos na elaboração dos trabalhos ali realizados.

Apesar de muitas universidades brasileiras terem equipamentos audiovisuais, a grande maioria delas ainda não conseguiu definir uma política própria para utilização desses recursos, enfrentando problemas com serviços de manutenção, falta de pessoal especializado e a ociosidade de equipamentos.

Para o diretor-geral do Centro de Comunicação, Marcelo Souza, "algumas universidades criaram estruturas próprias de acordo com suas respectivas realidades para efetivar os projetos de aplicação didática dos recursos audiovisuais, nascendo daí uma necessidade de maior investimento em recursos humanos". E a Unicamp não fugiu à regra; viveu essas experiências a partir de 1975, quando foi instalado no Instituto de Matemática, Estatística e Ciência da Computação um sistema de videocassete para reproduzir as situações de sala de aula e, no Instituto de Estudos da Linguagem, para servir como instrumento de pesquisa.

Em seus estúdios, o Centro de Comunicação grava mais um depoimento para a memória da Unicamp.

As experiências com vídeo vêm desde 1975.

"Naquela época — lembra Marcelo — o sistema era em preto e branco e faltavam equipamentos e pessoal especializado." Somente três anos depois foi criado oficialmente o Laboratório Interdisciplinar para Melhoria do Ensino e Currículo (Limec).

Melhoria do Ensino

O aumento do número de produções educacionais e científicas em vídeo e da prestação de serviços trouxe maior reconhecimento por parte da comunidade universitária. "O que levou à implantação de um laboratório de produção visual, com a possibilidade, inclusive, de começar a receber estagiários na área de comunicação social", salienta o diretor-geral do Centro.

As experiências foram bem-sucedidas e, em 1985, criou-se o Centro de Comunicação. O objetivo: desenvolver uma nova metodologia de comunicação visando à melhoria do ensino, da pesquisa e da extensão, e recursos humanos na área de comunicação para o ensino. Hoje o Centro de Comunicação (instalado no Ginásio de Esportes da Unicamp) atua com 28 funcionários — em sua maioria treinados dentro do próprio Cecom. Entre suas principais atividades, o Centro documenta e divulga atividades da Universidade, dentro e fora da Unicamp; coloca à disposição da comunidade universitária, e eventualmente também ao público externo, seu acervo de fitas de videocassete possibilitando acesso a outros acervos educacionais em fitas, filmes, slides e outros meios nacionais e estrangeiros; desenvolve uma infraestrutura capaz de dar suporte às produções, apresentações e outros serviços do Centro; desenvolve pesquisas que aprimorem e racionalizem os equipamentos audiovisuais.

O Centro de Comunicação está equipado com estúdio de televisão, controle de operações, cabina de áudio, salas de edição, de cópias e arquivos, sala de manutenção e sala para equipamentos de exibição, sala de produção, setor de programação visual, pesquisa e laboratório de fotografia.

Uma equipe do Centro entra no esquema de produção quando é solicitada por professores, através de seus departamentos, e pelos alunos, por intermédio do DCE. Além disso, atende também a setores sociais como a Prefeitura Municipal de Campinas, o Departamento de Água e Esgoto e várias empresas. De início, a equipe analisa os pedidos enviados ao Cecom, discute com o usuário as idéias, os objetivos e as necessidades do programa, onde será usado e a que público se destina. Depois disso, inicia-se o processo de elaboração dos roteiros com a preocupação de se utilizar uma linguagem clara e direta, apropriada e acessível ao público. Se o trabalho é solicitado em vídeo, passa-se para a fase de filmagem e por último à edição do programa.

As produções do Centro de Comunicação da Unicamp vão desde gravação de cirurgias, pesquisas científicas, registro de visitas de autoridades brasileiras e estrangeiras até atividades educacionais, programas de saúde, documentários, registros de congressos etc. O arquivo do Cecom reúne todas as fitas originais, desde as primeiras experiências vividas na Matemática até as produções atuais em andamento.

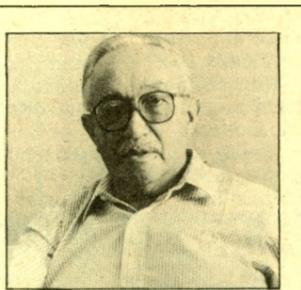
O alvo: o ensino, a pesquisa e a extensão.

Novo método abrevia tratamento psicoterápico

A fragmentação do homem moderno, a luta pela sobrevivência num mundo excessivamente competitivo, os conflitos familiares e a própria busca da essência do ser têm concorrido para aumentar geometricamente o número de pessoas que recorrem à psicanálise. Em suma: desde Sigmund Freud, os divãs andam cheios. Não poucas vezes, contudo, em se tratando de indivíduos em geral já carregados de problemas, a psicanálise pode se tornar um problema a mais. Uma das causas disso é a longa duração dos tratamentos psicanalíticos.

Professor titular de "Psiquiatria Clínica" da FCM da Unicamp desde 1976, o prof. Maurício Knobel trabalha com psiquiatria há 36 anos e com psicoterapia há 28. Todo esse tempo de contato com os mais variados problemas que afligem crianças, adolescentes, adultos e idosos, através da técnica tradicional da psicanálise, levaram-no a refletir se alguns desses casos não poderiam ser tratados de maneira mais objetiva e direta, em menor espaço de tempo, reduzindo assim a dependência comumente verificada na relação paciente-médico.

Psicoterapia Breve

As formas de "psicoterapia breve" sempre foram um atrativo para o prof. Knobel desde os tempos em que trabalhava como residente na "The Greater Kansas City Mental Helath Foundation", em Kansas City, Missouri. A "psicoterapia breve" surgiu no início da década de 40 "como uma natural e lógica seqüência da psicanálise, a partir da clássica contribuição de Franz Alexander e Thomas M. French", diz o prof. Knobel. Coube a esses dois pesquisadores introduzir dois princípios que modificaram toda a técnica psicanalítica: o da flexibilidade e o da experiência emocional corretiva.

Prof. Knobel: "Atacar os problemas de forma direta."

O princípio básico da "psicoterapia breve" consiste em atacar os problemas de forma direta, tornando os conflitos conscientes para serem então resolvidos. Sua diferença principal em relação à psicanálise tradicional é que não se utiliza de uma das técnicas fundamentais da psicanálise, a regressão. Como para isso é necessário muito tempo, um tratamento psicanalítico convencional dura pelo menos de três a quatro anos, com uma média de quatro consultas semanais. Muitos são os casos em que a terapêutica se arrasta por até mesmo uma década. O prof. Knobel tem tratado casos em até dois ou três meses, à base de duas sessões semanais.

Convencido de que cerca de 60 a 70% dos casos podem ser resolvidos através da técnica de psicoterapia breve, o prof. Knobel desenvolveu seu próprio método de trabalho. Baseado na teoria psicanalítica, sua técnica tem quatro características básicas: é não transferencial; não-regressivo; é elaborativa de predomínio cognitivo (em aparente detrimento do afetivo) e permite, além disso, experimentar a mudança de uma informação falsa para informação verdadeira, passando o paciente a ser sujeito ativo de sua própria história.

"Claro que há situações — diz o prof. Knobel — em que esta terapêutica não é indicada, sendo recomendado o tratamento convencional psicanalítico. O diagnóstico de cada caso é feito a partir de uma longa entrevista com o doente.

Problemas com conflito de personalidade, conflitos em família, relações afetivas, crises de conduta, neuroses como fobias e histerias, assim como problemas sexuais de variada natureza podem ser resolvidos com as técnicas de psicoterapia breve. Essas técnicas foram apresentadas de 9 a 12 de outubro último, no I Congresso Ibero-Americano de Psicologia Médica e Psicoterapia, realizado em Mendoza (Argentina). Foram bem recebidas. Agora elas estão sendo apresentadas em livro pela Editora Pedagógica Universitária (EPU), de São Paulo. O livro já está nas livrarias.

Conselho aprova Fundo de Apoio à Cultura

A Unicamp passa a contar agora com um Fundo de Apoio à Cultura (Fundac). O Fundo, aprovado na reunião do Conselho Diretor de 30/9, tem o objetivo de dinamizar as atividades culturais e artísticas da Universidade. O Fundac pretende captar recursos das mais diferentes fontes e contar com o apoio da Lei Sarney de 2 de julho deste ano, que dispõe sobre "benefícios fiscais na área do imposto de renda concedidos a operações de caráter cultural ou artístico".

Os recentes projetos de intervenção urbana no campus, bem como o atual "Aquarelas do Brasil", que tem trazido à Unicamp nomes representativos da música popular, são alguns dos exemplos da investida cultural da Universidade até agora. No entanto, o propósito é ir mais longe, estabelecendo um espaço permanente de atividades culturais paralelas às acadêmicas.

Para discutir aspectos da Lei Sarney com a Unicamp, visitou a Universidade no último dia 15 de outubro o secretário geral adjunto do Ministério da Cultura, José Manoel Buarque Franco Neto. Segundo Franco Neto, "durante décadas ficamos olhando o desenvolvimento econômico do País um tanto esquecido do lado social, que precisa agora ser resgatado. Entretanto, um desenvolvimento social com independência só é possível por via do processo cultural". Desmembrado do Ministério da Educação, o setor cultural ganha força com o Ministério da Cultura que se incumbe particularmente de "recuperar as manifestações culturais do povo e garantir sua expressão".

Para o ano que vem, o orçamento do Ministério da Cultura será de 1,3 bilhão de cruzados — 3% do orçamento do MEC. É promessa do presidente Sarney ampliá-lo anualmente em 25%.

Até o final da atual administração, os recursos do MINC estarão duplicados em termos reais. A Ley Sarney veio como um mecanismo adicional para a captação de recursos. O Ministério está porém preocupado em que essas verbas sejam de fato aplicadas na área cultural, principalmente nos setores mais carentes de recursos.

Nesse sentido, as universidades não poderão ser diretamente credenciadas no MINC para serem beneficiadas pela Lei Sarney. Isso não significa, porém, que estarão impedidas de fazer uso dela. É necessário contudo que se estabeleçam mecanismos intermediários para a captação dos recursos; por enquanto, eles podem ser solicitados via secretarias de Cultura ou quaisquer outras entidades comprovadamente culturais. Até o momento já se inscreveram no Ministério da Cultura cerca de 500 entidades, em sua maioria secretarias de Cultura e produtores culturais independentes.

Em busca dos segredos do cosmo

Um balão de 30 metros de diâmetro, 50 de comprimento, voando a uma altura de 26 mil metros e a uma velocidade de até 40 quilômetros horários. Este é o exótico instrumento utilizado pelo grupo de pesquisadores do Departamento de Raios Cósmicos do Instituto de Física da Unicamp para estudar um fenômeno que vem sendo objeto de pesquisas em todo o mundo: a radiação cósmica. O planeta Terra vive sob constante bombardeio de partículas dotadas de grande energia. Até agora, o mecanismo de interação dessas partículas vinha sendo estudado através de sofisticados aceleradores de partículas ou mediante detectores instalados em laboratórios a grandes altitudes, como o que a Unicamp mantém em Chacaltaya, nos Andes bolivianos.

O balão da Unicamp, subindo 26 mil metros, foge à camada de ozônio e completa assim, com maior precisão, o trabalho dos detectores de Chacaltaya, nos Andes bolivianos.

Mas a necessidade de obter informações mais precisas levaram os físicos da Universidade a lançar este balão na cidade de Cachoeira Paulista, com o objetivo de fazer a captação dos raios cósmicos na sua entrada na camada atmosférica. "Sem interagir com a camada de ozônio, as partículas podem ser captadas mais próximas da fonte, sem a distorção natural que sofreriam até chegar aos laboratórios", explica o prof. Armando Turtelli Júnior, chefe do Departamento de Raios Cósmicos do Instituto de Física.

O lançamento do balão para este fim específico constitui-se em experiência pioneira em todo o mundo, no campo da Física. Trata-se de um trabalho conjunto entre Brasil e Japão, através da Universidade Estadual de Campinas, Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas e das Universidades de Tóquio, Waseda e Aoyama Gakuin. O princípio de captação dessas partículas é o mesmo aplicado no laboratório de Chacaltaya, através de camadas de placas de chumbo intercaladas com papéis especiais, num processo semelhante à revelação fotográfica.

O município de Cachoeira Paulista foi escolhido como base de lançamento por estar próximo ao litoral e possuir a infraestrutura necessária, mantida pelo Inpe — Instituto de Pesquisas Espaciais. O período de vôo do balão é estimado em 30 horas, tempo considerado suficiente para a coleta de informações. Após isso, através de um sistema de telecomando, a carga útil desprende-se do balão; este sobe até as camadas mais altas da atmosfera, explodindo em seguida, e o material desce à terra com auxílio de um pára-quedas e de um sistema de sinais de rádio que facilita sua localização. Nessa etapa final, os pesquisadores da Unicamp contam com a colaboração de um helicóptero da FAB. Após a explosão, o plástico do balão demora várias horas para chegar ao solo e muitas vezes é confundido com disco voador, devido aos reflexos da luz do sol, principalmente momentos antes do nascer do sol ou ao entardecer.

Processo barato

Investir na pesquisa fundamental, sem aplicação imediata, é em geral procedimento característico dos países que dominam a tecnologia de ponta. As quantias aplicadas são elevadas. Os aceleradores de partículas, por exemplo, já comuns nos Estados Unidos e em alguns países europeus, custam às instituições de pesquisa cerca de 500 mil dólares por dia. Aos países economicamente mais fracos resta a permanente busca de alternativas mais baratas. Coube ao prof. Cesar Lattes, físico da Unicamp, iniciar um novo processo de captação dos raios cósmicos — câmaras de emulsões nucleares (chumbo) — nos Andes bolivianos. Iniciada em 1962, a pesquisa de Lattes (os resultados foram confirmados pelos aceleradores) custa cerca de 50 a 70 mil dólares a cada cinco anos.

Laboratórios semelhantes ao de Chacaltaya (instalado a 5.220 metros de altitude) operam hoje também na União Soviética, na China e no Japão. Há entre a Unicamp e esses laboratórios permanente troca de informações. Embora seja uma constante a preocupação dos físicos em conhecer com maior profundidade a origem e a composição dos raios cósmicos, há ainda muitos pontos obscuros. "A expectativa é que essa experiência com o balão abra novos horizontes para a descoberta desse misterioso fenômeno que vem da galáxia', diz o prof. Edson Shibuya, coordenador do projeto.

Na Antártida

A radiação cósmica não é usada somente para estudar as partículas elementares. Ela envereda também pelo campo da astrofísica, permitindo a obtenção de informações que os raios cósmicos trazem a respeito do espaço que percorreram. É necessário saber se a radiação está chegando com mais intensidade de uma ou de outra região estelar. Com esse objetivo, os pesquisadores do Grupo de Raios Cósmicos da Unicamp preparam-se para captar as partículas numa base instalada na Antártida, beneficiando-se do fato de que no Hemisfério Sul o eixo de rotação da Terra é inclinado, o que permite observar com mais precisão o centro da galáxia.

Para realizar esta também pioneira experiência, os professores Armando Turtelli Júnior e Edson Shibuya fabricaram um detector que tem a função de captar e armazenar as partículas cósmicas, para posterior estudo nos laboratórios da Unicamp. A pesquisa foi integrada ao Programa Antártico Brasileiro, após aprovação da Comissão Interministerial para Recursos do Mar, que, de resto, financiou o projeto. O equipamento deverá ser incluído na Expedição Brasileira para a Antártida que deverá partir a 19 de novembro ou a 12 de dezembro.

O processo de captação das partículas é diferente do realizado em Chacaltaya. Os pesquisadores desenvolveram um equipamento eletrônico controlado por microcomputador, que, com um pulso, registra a chegada dos raios. O aparelho tem a capacidade de registrar o momento da chegada das partículas e a quantidade de partículas captadas, permitindo assim calcular o nível de radiação de cada estrela. Esses dados são armazenados em fitas cassete para depois serem analisados na Unicamp. Trabalho semelhante vem sendo desenvolvido pela Universidade através de um segundo detector instalado em Chacaltaya em colaboração com físicos italianos.

Pesquisadores contemplados com "Prêmio Estímulo"

Pela segunda vez desde que foi instituído, em 1985, a Unicamp outorgou, no último 7 de outubro, o "Prêmio Estímulo Intelectual", atribuído a pesquisadores do Instituto de Física, cujos trabalhos mais se destacaram nos últimos anos. Este ano os contemplados foram os professores Jorge Humberto Nicola (categoria Tecnologia), Carlos Retori (Física Experimental) e Amir Ordacgi Caldeira (Física Teórica). O prêmio, instituído pelo próprio Instituto de Física e entregue pelo reitor da Unicamp, Paulo Renato Costa Souza, é atribuído anualmente a três professores cujas pesquisas tenham se destacado dentro da Universidade e também a nível nacional.

Integraram a Comissão Julgadora os professores Roberto Lobo, vice-reitor da Usp e ex-diretor do Instituto de Física e Química de São Carlos; Ivan Nascimento, atual diretor do Instituto de Física e Química da Usp; Walace Alves de Oliveira, diretor-presidente da Funcamp e assessor de Recursos Extraorçamentários da Unicamp; e o diretor do Instituto de Física "Gleb Wataghin", Marcus Zwanziger.

Pesquisas

O prof. Amir Caldeira desenvolve pesquisa na área de Dinâmica Quântica de sistemas dissipativos, enquanto o prof. Jorge Humberto Nicola pesquisa e aprimora a utilização do bisturi cirúrgico a laser, aplicado na área de medicina, mais precisamente nas microcirurgias de ouvido e garganta. O prof. Carlos Rettori desenvolve pesquisas de aplicação de análise de sementes oleaginosas como o milho, amendoim, soja, mamona, utilizando a técnica de ressonância nuclear.

Ao receber o prêmio, o prof. Nicola, falando também em nome dos companheiros, declarou que "estamos na direção certa, contribuindo individualmente para o desenvolvimento da Física Teórica, para a Física Experimental e para o desenvolvimento tecnológico do nosso País". Acrescentou ainda que a Unicamp, "com sua estrutura flexível e progressista", tem permitido aos pesquisadores encontrar suas verdadeiras vocações, quer dentro das próprias unidades de trabalho, quer entre as diferentes unidades através do salutar relacionamento interdisciplinar".

Ao saudar os pesquisadores, o prof. Zwanziger disse que a importância do prêmio deve-se não apenas ao fato de contemplar três professores do Instituto de Física — do qual é diretor —, mas também à circunstância de os premiados terem sido escolhidos por uma comissão julgadora de alto nível, e também porque "se trata, afinal, de pesquisas altamente relevantes". Disse ainda que o prêmio significa o reconhecimento público, tanto interna como externamente, da qualidade de nossa produção acadêmica nessas três áreas. "Nossa atividade não é confinada", disse, "não é desenvolvida exclusivamente para uso interno, mas, o que é mais importante, também voltada para o público de modo geral, para uso e consumo da própria Nação".

Os professores Jorge Nicola, Amir Caldeira e Carlos Rettori.

A física perde Gleb Wataghin

Sob consternação da comunidade científica do Brasil e da Itália, faleceu no último 9 de outubro, em Turim, o físico Gleb Wataghin. Considerado o pai da física brasileira — foram seus alunos, entre outros, César Lattes, Mário Schemberg, Oscar Sala, Marcelo Damy de Souza Campos e Paulus Aulus Pompéia —, Wataghin nasceu a 3 de novembro de 1899 em Birsula, região de Odessa, União Soviética.

Iniciou seus estudos em Kiev e em 1919 emigrou com a família para a Itália, onde laureou-se em física e matemática pela Universidade de Turim, cujo corpo docente passou a integrar em 1929. Em 1934, com a criação da primeira universidade brasileira — a Universidade de São Paulo —, Wataghin aceitou o convite do governo estadual para transferir-se para o Brasil.

Dessa passagem pela USP, que durou até 1950, resultou o florescimento da primeira grande geração de físicos brasileiros, logo prolongada nos institutos de Física da Unicamp e de São Carlos. Foi exatamente para estimular o trabalho das novas gerações — a da Unicamp especificamente — que Gleb Wataghin voltou ao Brasil em dois períodos distintos (de 1972 a 73 e de 75 a 76) realizando importantes pesquisas na área de raios cósmicos e com atuação docente em cursos de pós-graduação. Sua produção científica até essa altura incluía mais de 150 trabalhos e livros largamente difundidos e citados em todo o mundo, boa parte deles sobre a

Gleb Wataghin, considerado o pai da Física brasileira.

"teoria da produção múltipla em colisões de partículas", área em que se destacou. Desde 1935 era membro da Academia Brasileira de Ciências e em 1949 recebeu a Ordem do Cruzeiro do Sul.

Quando o reitor Zeferino Vaz, ao lado do prof. Marcelo Damy, decidiu criar na Unicamp um centro pioneiro em física experimental, não houve hesitação quando César Lattes sugeriu que se lhe desse o nome de "Instituto de Física Gleb Wataghin". Era um nome que soava como um símbolo, justifica Damy. Para completar: "Foi graças a Wataghin que as pesquisas em física no Brasil passaram a ter sentido científico e respeitabilidade internacional." Para prestar uma homenagem à memória do grande físico, o Instituto de Física está programando para a segunda semana de novembro um dia de debates sobre o papel de Gleb Wataghin e a importância das pesquisas desenvolvidas por ele no Brasil.

Campus mais verde com a primavera

O início da primavera foi marcado, no campus, pelo plantio de 70 mudas de árvores nativas em terreno ao lado do Ginásio Multidisciplinar. Com isso o Parque Ecológico, órgão da Prefeitura da Cidade Universitária, encarregado de cuidar das áreas verdes da universidade, começa a arborizar todo o campus, acompanhando, de resto, sua expansão física.

Mas, se por um lado o campus cresceu e os prédios brotaram do chão como sólidas "sequóias" — na expressão do prof.° Hermógenes Leitão, coordenador do Parque Ecológico — o ajardinamento e o bosqueamento da área da Universidade sempre enfrentaram um processo mais lento. "Árvores não crescem tão rapidamente quanto prédios", diz ele. Tanto o plantio quanto a conservação eram eventualmente feitos por empresas prestadoras de serviço.

Foi pensando em sistematizar a conservação e ampliar o plantio de árvores que, no início de 1983, se decidiu criar o Parque Ecológico. Sua primeira tarefa foi realizar um levantamento das árvores plantadas. O número delas não chegava a ultrapassar duas mil. Nos últimos três anos, entretanto, o Parque Ecológico conseguiu fixar na terra mais de 2.500 mudas de várias espécies.

"Nosso objetivo", garante o prof.° Hermógenes, "é conseguir dotar o campus de cinco mil espécies diferentes de árvores." Para que esse objetivo seja alcançado, ainda este ano deverão ser iniciadas obras de terraplenagem numa área de aproximadamente 15 mil m2 — situada entre o Biotério Central e o Hospital de Clínicas —, onde será formado o Jardim Botânico da Unicamp. Nessa área, além das distribuições das árvores e plantas de acordo com suas famílias biológicas, serão construídas três represas. Os maiores jardins botânicos do mundo contam três mil espécies diferentes de árvores.

O Parque Ecológico, porém, não se tem preocupado somente com o plantio de mudas. Há muito iniciou um viveiro especificamente para atender aos pedidos das Unidades, que freqüentemente solicitam o fornecimento de plantas para interiores. A proposta do Parque Ecológico é que o campus sirva de viveiro de matrizes e que não só as floriculturas, mas também a população de Campinas, possam vir à Unicamp colher mudas e sementes.

Outro mérito deve ser atribuído ao Parque Ecológico: o do aumento do número de pássaros no campus. De um tempo para cá, a comunidade universitária tem-se familiarizado com o canto de sabiás, coleirinhas, sanhaços, picapaus e uma infinidade de outros que há três anos eram raros entre nós.

A meta do Parque Ecológico é chegar a cinco mil espécies plantadas no campus.

Melhoram índices de segurança patrimonial

Um dos problemas que enfrenta todo campus aberto é o da segurança patrimonial. A Prefeitura da Cidade Universitária está consciente disso e tem enfrentado objetivamente o fato. Nos últimos seis meses, várias medidas foram tomadas para que os índices de ocorrência fossem reduzidos. Estatísticas recentes indicam que o esforço teve bom efeito.

Para realizar a vigilância de toda a área do campus (2.459.070m2), o prefeito Renato Attílio Jorge conta com 175 profissionais que trabalham em regime de turnos. Os vigilantes têm sido orientados no sentido de não só fazerem a guarda patrimonial mas também de prestarem serviços à comunidade.

"TABELA I"

"FURTOS QUALIFICADOS"

Período:	Ocorrências	% Diárias	Redução
15/11/85 - 18/04/86	34	0,22	
19/04/86 - 20/09/86	15	0,08	56%

"TABELA II"

"OCORRÊNCIAS NÃO QUALIFICADAS - (portas e janelas abertas luzes acesas...)"

Período	Ocorrências	%	Redução
15/11/85 - 18/04/86	4.500	63,4	
19/04/86 - 20/09/86	2.600	36,6	42%
TOTAL:	7.100	100,00	

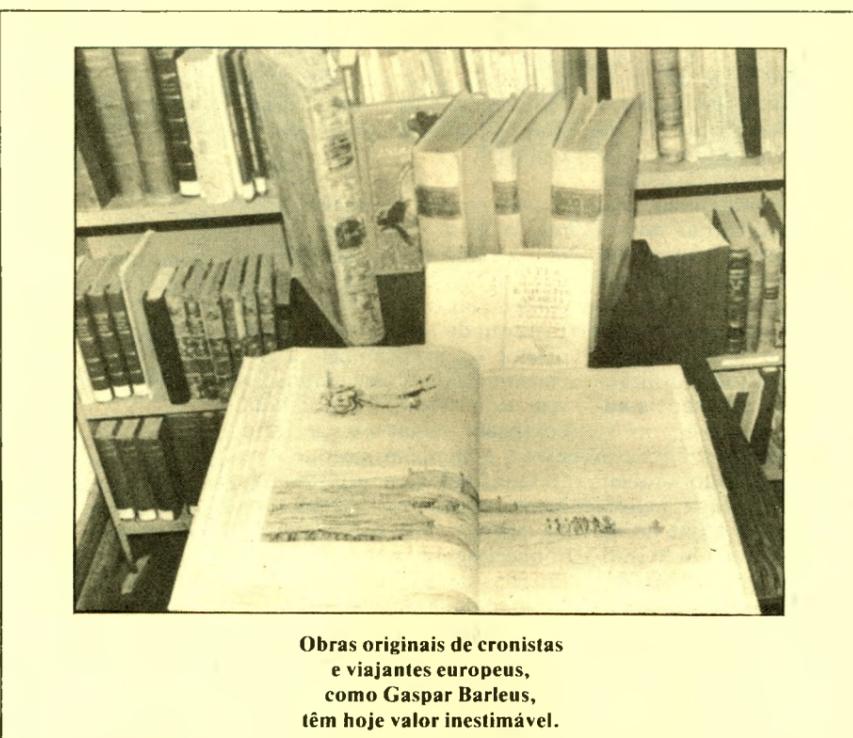
Uma das mudanças efetuadas foi a fixação do vigilante nas Unidades, eliminando o sistema de rodízios. A vantagem é que, conhecendo melhor as pessoas com quem trabalha, o profissional de vigilância acaba por vivenciar mais intensamente os problemas de cada Unidade, passando a desempenhar sua função com melhor conhecimento de causa.

Cabe ainda à guarda a disciplina do trânsito do campus, tanto rotineiramente quanto por ocasião de congressos e apresentações artísticas. A Prefeitura tem solicitado à comunidade universitária, bem como aos visitantes, que respeitem e colaborem com o trabalho dos vigilantes.

Nestas estantes, tesouros de quatro séculos

"Viagem de Ramusio" (1554), "Vida do Padre José de Anchieta" (1618), "História da Viagem no Brasil" (1585) e o "Livro de Gaspar Barleus" (1647). Estes são apenas alguns dos 1500 exemplares existentes na Seção de Obras Raras da Biblioteca Central da Unicamp. Para que essas obras chegassem até aqui foi uma verdadeira caça ao tesouro.

A caça começou nos anos 70. Provindas de importantes coleções, como as de Paulo Duarte, Eugênio Artigas, Theodor Peckolt e, mais recentemente, da biblioteca particular de Sérgio Buarque de Holanda, essas obras não são raras somente porque foram publicadas nos séculos 16, 17 e 18 e avaliadas em milhares de dólares no mercado de raridades bibliográficas. Mas sim porque, em alguns casos, são obras que integram tiragens extremamente reduzidas; outras, pelo fato de registrarem, de maneira inédita, fatos históricos. Há muitas outras razões.

Para Sandra Souza Lane, responsável pela Seção de Obras Raras — já inscrita no Plano Nacional de Restauração de Obras Raras (Planor) —, "os critérios para classificar uma obra como rara são muito variados. Cada instituição tem seu próprio critério de raridade. Nem sempre um livro antigo é tido como raro. Muitas vezes a questão da raridade está intimamente ligada à escassez do livro, pela dificuldade de se encontrar determinada obra no mercado do livreiro. Outros são avaliados pelo acabamento e pela beleza das edições". Um exemplo disso é o "História do Brasil" de Frei Vicente e Salvador, publicado em 1951. Esse livro, que narra a história do Brasil de 1500 a 1627, teve sua tiragem de apenas seis mil exemplares, dos quais, o de número 49, está na Biblioteca Central da Unicamp. É classificado como raro pelo seu acabamento, e o texto em tipo Baskerville, em corpo 8.

Obras originais de cronistas e viajantes europeus, como Gaspar Barleus, têm hoje valor inestimável.

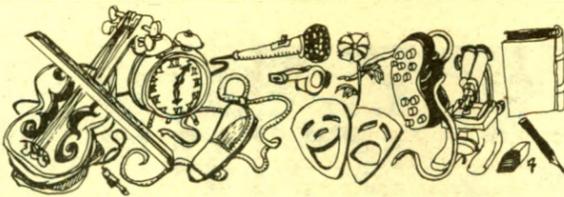
Já "Ladainha do Mar", poesias de Augusto Frederico Schimidt, teve uma tiragem extremamente menor: 70 exemplares. O livro, para distribuição entre os amigos do poeta, levava o autógrafo e uma numeração de próprio punho do autor.

Outro livro da categoria raríssimo é o do belga Gaspar Barleus (1584-1648) que pertenceu à coleção de Paulo Duarte. É um livro de 346 páginas, formato in fólio 43x30, encadernado em velino, com gravações em baixo relevo. O texto todo é em latim.

Barleus foi um homem muito apreciado no século 17 como poeta. Mas não foi por sua poesia que ficou conhecido na posteridade. Naquela época o governador de Pernambuco, Maurício de Nassau, solicitou os serviços de Barleus como uma espécie de historiador. Aceitando a empreitada, Gaspar Barleus passou então a retratar, em latim, os usos e costumes do povo pernambucano e também de outras regiões. Mas Barleus não se limitava à elaboração do texto; cuidou também de ilustrá-los com mapas (muitos deles em página dupla) e 31 esplêndidas pranchas e desenhos em xilogravura.

Maurício de Nassau apreciou tanto o livro de Barleus — considerado um dos mais bonitos surgidos no Brasil, no século 17 — que deu várias cópias a personalidades ilustres da época, principalmente da Holanda; por onde se vê que a prática do brinde já não era novidade.

Já a obra de Giovanni Battista Ramusio — também classificada como uma das obras mais raras do mundo (há informações de que no Brasil existem apenas seis cópias, uma delas na Unicamp) — é uma valiosa coleção narrativa de viagens do século 16. Essa obra, formada por três volumes (são parte do Acervo Sérgio Buarque de Holanda), abre uma era de história literária de viagens e navegações. Os acontecimentos de época são cuidadosamente transcritos de coleções já existentes. Além disso, Ramusio acrescenta narrativas originais e denuncia erros históricos com sagacidade crítica.

Atribui-se hoje a Ramusio grande importância na preservação das narrativas de viagem daquela época, da maior importância para o estudo da história da América. Cada volume de sua obra aparece em várias edições, algumas mais narrativas que outras, e com pequenas diferenças nos mapas. Na coleção de Sérgio Buarque de Holanda os tomos 1 e 3 são da 2.ª edição (1554 e 1565), enquanto que o tomo 2 (1559) é da 1.ª edição.

ENCONTROS

Informática — O Departamento de Computação do Instituto de Matemática, Estatística e Ciência da Computação (Imecc) realiza neste mês duas conferências na área de Informática. A primeira no dia 1.º, às 14 horas, na sala 52, sobre o tema "Robôs inteligentes". O prof. Walter Rodrigues, do Inpe, discorrerá sobre "A capacidade potencial da robótica e da inteligência artificial para uso em aplicações que requeiram operações complexas em ambientes hostis" que, segundo ele, tem levado ao desenvolvimento de máquinas mais autônomas. No dia 10, também às 14 horas, na sala 52 do Imecc, o tema será "O modelo relacional não normalizado: o futuro dos bancos de dados", proferido pelo prof. V.W. Setzer, do IME/USP.

Pesquisa: Seminário — A Pró-reitoria de pesquisa vai promover, nos próximos dias 4, 5 e 6, o seminário sobre "A pesquisa na Unicamp: perspectivas", com a participação de professores de diversas áreas da universidade, além de representantes governamentais. Constarão desse seminário — que será realizado no salão II do Centro de Convenções — debates visando a avaliação e a discussão de perspectivas em áreas selecionadas, consideradas críticas para o desenvolvimento científico cultural (ver programação no "Calendário").

Congresso Logo — Os professores José Armando Valente e Afira Ripper do Núcleo de Informática Aplicada à Educação (Nied) da Unicamp, participarão nos dias 6, 7 e 8 de novembro, em Novo Hamburgo, RS, do III Congresso Internacional Logo e do I Congresso Brasileiro Logo Informática na Educação para Todos. Durante o congresso, cujo tema geral é "Uma nova perspectiva de educação para todos", a partir da linguagem Logo, deverá também ser feita uma apresentação de professores da Escola Pública de 2.º Grau "Tomás Alves", de Campinas, que participam do Projeto Educon da Universidade, através do Nied.

Informática na Saúde — Aberto a estudantes e profissionais da área de saúde — assim como a usuários, especialistas, pesquisadores e professores —, será realizado de 19 a 23 de novembro, no Centro de Convenções do Novotel, em Campinas, o "I Congresso Brasileiro de Informática em Saúde", com promoção da Universidade Estadual de Campinas. O objetivo é apoiar, de modo mais intenso, a formação de especialistas, o desenvolvimento de "software" e o treinamento de profissionais da área da saúde.

CURSOS

II Curso de Extensão de Hepatologia — A Faculdade de Ciências Médicas (FCM) realiza de 5 a 7 de novembro o II Curso de Extensão de Hepatologia. O tema central do curso, promovido pela disciplina de Gastroenterologia do Departamento de Clínica Médica (FCM) e pela Comissão de Educação Continuada, é "Hepatite a Vírus". As professoras Elza Cotrim Soares e Adriana Sevá Pereira estão coordenando o curso, que abordará questões como: hepatite aguda, hepatite crônica na infância e aspectos epidemiológicos das hepatites no Brasil. Os interessados poderão inscrever-se com Mara, no ramal 2098, mediante o pagamento de uma taxa de Cz$ 200,00 (médicos), Cz$ 100,00 (residentes) e Cz$ 50,00 (alunos de graduação). O curso será realizado no salão III do Centro de Convenções da Universidade.

LIVROS

"Como enfrentar", coleção da Editora Unicamp que lança novos títulos, todos de professores da Universidade. "A insônia", de Isaac Germano Karniol, do Departamento de Psiquiatria; "O pânico", de Dorgival Caetano, também do Departamento de Psiquiatria; "A asma e a bronquite", de Reinaldo Quagliato Jr., do Departamento de Pneumologia; "As doenças da próstata", de Osmau Ikari e Ubirajara Ferreira, ambos professores assistentes da disciplina de Urologia do Departamento de Cirurgia; "Os problemas intestinais", de Mário Mantovani, superintendente do HC da Unicamp e Antonio Capone (UTI) Unicamp; e "As doenças sexualmente transmissíveis" de Paulo César Rodrigues Palma, supervisor do HC, e Lisias Nogueira Castilho, do Departamento de Urologia.

"Psicoterapia Breve", do prof. Mauricio Knobel, professor titular de "Psiquiatria Clínica" da Unicamp. Editora Pedagógica e Universitária Ltda. (E.P.U.). Coleção "Temas básicos de Psicologia", volume 14.

EM DIA

Campanha de Óculos — Treze mil armações. Esse foi o excelente resultado obtido pelo Núcleo de Prevenção da Cegueira, do Departamento de Oftalmologia da FCM-Unicamp, na Campanha de Doação de Óculos realizada em Campinas. Durante nove dias (9 a 17 de agosto) o Núcleo arrecadou quantidade suficiente para atender a demanda superior a um ano; normalmente, cerca de 12 mil pessoas procuram anualmente o Departamento com solicitação de armações de óculos. E a campanha continua: o ambulatório de Oftalmologia do Hospital de Clínicas e o Corpo de Bombeiros constituem-se em postos permanentes de arrecadação.

Zona Livre de Catarata — O Departamento de Oftalmologia da Faculdade de Ciências Médicas da Unicamp inicia em janeiro o projeto "Zona Livre de Catarata", cujo objetivo é fazer um amplo levantamento da população afetada pelo problema, visando à aplicação da terapêutica adequada. Segundo o chefe do Departamento de Oftalmologia da FCM, Newton Kara José, estima-se que em cada universo de 125 mil habitantes existam 850 indivíduos com catarata não operada. O NPC — Núcleo de Prevenção da Cegueira — da Unicamp vem desenvolvendo trabalhos no Vale do Ribeira e no Jardim São Marcos, em Campinas. O programa prossegue até outubro de 1987, incluindo, além do cadastramento dos pacientes, seu encaminhamento ao Hospital de Clínicas da Unicamp. Tudo gratuitamente. A idéia é proporcionar às pessoas menos favorecidas a oportunidade de um acompanhamento médico.

Teatro do IA — O Departamento de Artes Cênicas do Instituto de Artes da Unicamp está trabalhando na montagem de cinco peças teatrais: "Deixa estar", de Paulo Vieira; "Deus", de Woody Allen; "A farsa do advogado Pathelin", de autor anônimo medieval; "O moço bom e obediente", adaptação de Betty Barr e G. Stevens; e "Cena 4", de Eugene Ionesco. "Deus" será apresentada de 20 a 23 deste mês no Teatro do Centro de Convivência Cultural. "A farsa", "O moço bom e obediente" e "Cena 4" serão apresentadas no Sesc de 27 a 30 e no palco do Centro de Convivência no dia 25. "Deixa estar" será mostrada de 13 a 16 no Sesc e no dia 26 no Centro de Convivência. Foi apresentada também nos dias 22, 23 e 24 de outubro, no auditório do IA/Unicamp.

Os Taquions — A revista "Ciência Hoje" publicou em sua edição de setembro/outubro o artigo "Os Taquions", dos professores Erasmo Recami e Waldyr Rodrigues Júnior (Instituto de Matemática, Estatística e Ciência da Computação/Unicamp). Os taquions são partículas que viajam mais rápido que a luz.

Folheto Alert — Destinado a professores, alunos e pesquisadores, encontra-se na Biblioteca Central da Unicamp o folheto Alert, que consiste de sumário de artigos, livros e outros materiais de interesse atual de diversas áreas, encontrados nas bibliotecas de referência da USIS (Serviço de Informação dos Estados Unidos). O interessado poderá solicitar cópia grátis do original, em inglês, de qualquer artigo. Livros e documentos podem ser retirados diretamente no USIS, através do Consulado norte-americano em São Paulo, na rua Padre João Manoel, 933, Cerqueira César, CEP 01411.

Reforma Administrativa — O reitor Paulo Renato Costa Souza acaba de criar o Grupo Executivo da Reforma Administrativa (GERAD). O Grupo tem por objetivo elaborar, num prazo de sessenta dias, um Plano-Diretor de Reforma Administrativa da Unicamp. A partir desse trabalho, a Unicamp pretende modernizar sua administração, agilizando a burocracia interna. O GERAD fará um diagnóstico da situação atual e proporá alternativas para o funcionamento da Universidade. O Grupo é presidido pelo coordenador-geral da Administração, prof. Geraldo Giovanni, e constituído pelos seguintes servidores: José Carlos Folegatti, Vera Lúcia Randi Ferraz, prof. Jesus Antônio Durigan, prof. Marcus Güenter Zwanziger, Olga Maria Zulske de Miranda, José Ferreira de Carvalho, Elói de Lima, Arly de Lara Romeo e prof. Carlos Eduardo Nascimento.

Monitoria — Na reunião do Conselho Diretor de 30 de setembro foram aprovadas novas diretrizes e critérios para seleção e função do Monitor I para os cursos de graduação, e do Monitor II para os cursos de pós-graduação. Os candidatos à Monitoria I, cuja remuneração equivale a 80% do valor da bolsa de Iniciação Científica da Fapesp, serão selecionados até 30 de outubro de cada ano. Os candidatos à Monitoria II receberão 80% da referência salarial do professor MS-1, no caso de alunos de Mestrado, e 80% da referência de MS-2 para os alunos de Doutorado. A inscrição dos candidatos deverá ser realizada durante as duas últimas semanas do período letivo regular anterior ao exercício.

Centro de Engenharia Genética — A Universidade terá um Centro de Engenharia Genética. O novo Centro funcionará junto ao atual Departamento de Genética e Evolução do Instituto de Biologia e formará pesquisadores para a manipulação de DNA recombinante, tida como tecnologia-chave para o desenvolvimento da moderna Biotecnologia. Para isso deverão ser contratados especialistas da área.

Recursos para a Editora — Através do programa "Nova Universidade", o Ministério da Educação acaba de destinar à Editora da Unicamp recursos da ordem de Cz$ 790 mil. A verba é específica para a ampliação e o incremento da série de edições fac-similares da Editora, que inclui a publicação de teses, debates e pesquisas. A série foi considerada pelo Ministério como "projeto pioneiro" e seu modelo recomendado a outras universidades.

Cirurgia extra-corpórea — A primeira cirurgia cardíaca com utilização de circulação extracorpórea e hipotermia do Hospital das Clínicas da Universidade foi realizada no último dia 8 de outubro. A paciente portadora de lesão da válvula mitral foi operada pela equipe do prof. Antônio Benedito Prado Fortuna, chefe da disciplina de Cirurgia Cardíaca do Departamento de Cirurgia da FCM da Unicamp. A cirurgia teve pleno êxito.

Exposição — Até o dia 10 deste mês o artista plástico Clodomiro Lucas estará expondo na Galeria da Unicamp seus 20 trabalhos intitulados "Papel e Timbragem". A exposição é fruto de um longo estudo didático sobre a fabricação de papel artesanal, onde o artista explora as diversas possibilidades plásticas da fibra vegetal, textura e relevo. Com participação em bienais internacionais e salões nas principais capitais brasileiras, Clodomiro é atualmente professor de gravura no Museu de Arte Contemporânea de Campinas.

Música na Praça da Paz — A Praça da Paz da Universidade foi palco, no dia 15 do mês passado, de mais um número da série "Concertos do Meio-Dia". O concerto contou com a participação do compositor e pianista Almeida Prado, do pianista Bebeto e do quarteto de fagotes da Unicamp. O espetáculo ao ar livre, que atraiu considerável número de pessoas, contou ainda com um show de mímica com o prof. Luís Otávio Burnier, e as cantoras Márcia Guimarães e Anaí, o violonista Sérgio Batistuzzo e a pianista Júlia Brown.

calendário

Dia 4, Terça-feira — Início do seminário "Pesquisa na Unicamp: perspectivas". Abertura às 9 horas com palestra do reitor Paulo Renato Costa Souza; às 10 horas, palestra sobre "Biotecnologia" com o prof. Antônio Celso Novaes de Magalhães (IB); às 10h30, o prof. Cesar Francisco Ciacco (FEA) fala sobre "Alimentos"; e às 17h30, palestra do prof. Lauro Barata (IQ) sobre "Química fina e dos fármacos".

Dia 5, Quarta-feira — Seqüência do seminário "Pesquisa na Unicamp: perspectivas, com palestra do prof. Secundino Soares Filho (FEE) sobre "Energia e fusão nuclear"; às 11 horas, "Materiais", tema subdividido em "Ligas metálicas" (prof. Ettore Bresciani Filho (FEC), "Polímeros" (prof. Marco Aurélio De Paoli/IQ), e "Semicondutores" (prof. Francisco Prince/IF); às 14h30, os profs. Hélio Waldman e Nelson Machado sobre "Informática e telecomunicações"; e às 17 horas, o prof. Almeida Prado (IA) sobre "Arte Experimental".

Dia 5, Quarta-feira, 20 horas — Abertura do II Curso de Extensão em Hepatologia, no salão III do Centro de Convenções. Temas: "Marcadores sorológicos na avaliação das infecções pelos vírus das hepatites", proferido pelo prof. Celso Granato/Usp; "Hepatite aguda: formas clínicas e evolução", pelo prof. Antônio Frederico Novaes de Magalhães/Unicamp; "Aspectos epidemiológicos das hepatites no Brasil", prof. Flair José Carrillo/Usp.

Dia 5, Quarta-feira, 14 horas — Seminário sobre "O Centro de Computação e a Informática na Unicamp", ministrado pelos professores Nelson de Castro Machado e Ricardo Iglésias (Imecc/Unicamp), no salão I do Centro de Convenções.

Dia 6, Quinta-feira — Continuação do seminário "Pesquisa na Unicamp: perspectivas", com palestra, às 8h30, do prof. Luís Jacintho da Silva (FCM) sobre "Endemias e medicina preventiva"; às 11 horas, "O Plano Cruzado", pelo prof. Luiz Gonzaga de Mello Belluzzo (IE); às 14h30, "Política científica e tecnológica", com o prof. Luciano Coutinho (IE). Encerramento às 17h30, com palestra do reitor Paulo Renato Costa Souza.

Dia 6, Quinta-feira, 20 horas — II Curso de Extensão em Hepatologia. Temas: "Hepatites crônicas: formas e fatores evolutivos", prof. Luiz Caetano da Silva/Usp; "Hepatites crônicas: tratamento", prof. Luiz Caetano da Silva/Usp; "Diagnóstico histológico das hepatites", prof. Luis Carlos da Costa Gayatto. Centro de Convenções.

Dia 7, Sexta-feira, 20 horas — II Curso de Extensão em Hepatologia. Temas: "Marcadores imunológicos teciduais na avaliação de infecções pelos vírus das hepatites", prof. Venâncio Avancini F. Alves/Usp; "Vírus da hepatite B no esquistossomático e no etilista crônico", prof.ª Edna Strauss/Usp; e "Hepatite crônica na infância", prof.ª Gilda Porta/Usp.

Dia 7, Sexta-feira, 14h30 — Seqüência dos Seminários Interdisciplinares do Núcleo de Estudos Regionais (NER). Temas: "O quintal da fábrica: a Vila Brasital e seus moradores", prof. Annicleide Zequini Rossi, e "Imigração suíça e o desenvolvimento do empresariado rural na região de Campinas", prof. Valdemar Grininger.

Dia 8, Sábado, 9 horas — Extensão em Hepatologia. Temas: "Hepatite em imunodeprimidos", prof. Rogério de Jesus Pedro/Unicamp; "Imunoprofilaxia das hepatites", pelo prof. Flair José Garrillo/Usp.

Dia 10, Segunda-feira, 14 horas — Segunda conferência sobre informática, pelo Imecc. Tema: "O modelo relacional não normalizado: futuro dos bancos de dados", pelo prof. V. W. Setzer, do IME/Usp.

Dia 13, Quinta-feira, 21 horas — Peça de teatro "Deixa estar", no teatro do Sesc. Continua em cartaz até dia 16.

Dia 14, Sexta-feira, 14h30 — Seminários Interdisciplinares (2.º semestre de 86). Temas: "Influência da ferrovia no traçado e arquitetura urbana paulista", palestra proferida pelo prof. Sérgio M. Portella Santos, e "A livre navegação dos rios Paraná e Uruguai", pela prof.ª Lília Inês de Medrado.

Dia 17, Segunda-feira, 8h30 — Pré-curso do I Congresso Brasileiro de Informática em Saúde, a ser realizado no Hotel Novotel. Tema: "Introdução à informática em saúde".

Dia 18, Terça-feira, 8h30 — Pré-curso do Congresso Brasileiro de Informática em Saúde. Tema: "Microinformática para usuário em saúde".

Dia 19, Quarta-feira, 8h30 — Pré-curso do Congresso de Informática em Saúde. Tema: "Introdução da Base II/III e suas aplicações em saúde". Às 19h30, abertura oficial e palestra com o dr. Sala Mandil (World Health Organization), sobre "Health Informatics in Third-World Countries".

Dia 20, Quinta-feira, 8h30 — Simpósio do Congresso de Informática. Tema: "Recursos Humanos e Educação em Informática em Saúde". Às 14 horas, comunicações livres em forma de "posters". Às 16h30, cursos avançados, e às 9h30, mesa-redonda sobre "Política Nacional de Informática em Saúde".

Dia 20, Quinta-feira, 21 horas — Peça teatral, "Deus", numa montagem do Departamento de Artes Cênicas/Unicamp, no Teatro do Sesc-Bonfim. Continua em cartaz até 23.

Dia 21, Sexta-feira, 8h30 — Congresso de Informática. Tema: "Sistemas de Automação Hospitalar: Presente e Futuro". Às 11 horas, terceira conferência internacional. Tema: "The Role of Information in Research and Documentation in Health Sciences", pelo dr. Gustav Wagner (DKFZ, Heidelberg, RFA). Às 14 horas, comunicações livres em forma de "posters". Às 16h30, seqüência dos cursos avançados, e às 19h30, assembléia sobre "Criação de uma Sociedade Brasileira de Informática em Saúde".

Dia 21, Sexta-feira, 14h30 — Continuação do Seminário Interdisciplinares (2.º semestre de 86). Temas: "Fração de classes dominantes do 'Complexo cafeeiro' Paulista na 1.ª República", pelo prof. Plínio Guimarães de Moraes, e "A febre amarela em Campinas", prof. Fernando Figueira de Mello.

Dia 22, Sábado, 8h30 — Congresso de Informática. Tema: "Microcomputadores em Processamento de Sinais e Imagens Biológicas". Às 11 horas, conferência com o dr. Jan van Bemmel (Free University Amsterdam, Holanda), sobre "Research and Development in Medical Informatcs". Às 14 horas, comunicações livres com apresentações de "posters", e às 16h30, seqüência dos cursos avançados.

Dia 23, Domingo, 8h30 — Congresso de Informática, Simpósio sobre "Aplicações da Informática em Pesquisa Básica e Clínica". Às 11 horas, conferência do dr. Edward Schortliffe (Stanford, EUA), sobre "Artificial Inteligence and Expert Systems in Medicine", e às 12h30, almoço de encerramento. Obs.: todas as atividades desse Congresso serão realizadas no Salão de Convenções do Novotel, situado no km 104 da Via Anhangüera.

Dia 25, Terça-feira, 21 horas — Peças de teatro "A farsa do advogado Pathelin", "O moço bom e obediente" e "Cena 4", no Centro de Convivência Cultural".

Dia 26, Quarta-feira — "Deixa estar", no teatro do Centro de Convivência, a partir das 21 horas.

Dia 27, Quinta-feira, 8 horas — Abertura do 1.º Congresso Regional de Ciências dos Esportes, no Centro de Convenções/Unicamp. Seminário subdividido em Pesquisas em andamento na Faculdade de Educação Física, e Educação Física Escolar. Atividades práticas, às 19h30, na FEF, e palestras e mesas-redondas no Centro de Convenções.

Dia 27, Quinta-feira, 21 horas — Peça teatral, "Deus" no Teatro do Centro de Convivência Cultural.

Dia 27, Quinta-feira, 21 horas — "A farsa do advogado Pathelin", "O moço bom e obediente" e "Cena em 4", em cartaz até dia 30.

TESES

Teses defendidas — Foram defendidas nas últimas semanas as seguintes teses:

"A música de protesto do subdesenvolvido à canção do bicho e proezas de Satanás..." (1962-1966). Tese a nível de mestrado. Área de Ciências Sociais. Candidato: Luiz Antonio Afonso Giani. Orientador: Manoel Tosta Berlink. Dia 20/10.

"Construção e avaliação de um nebulizador do tipo Babington, para suspensões de alimentos sólidos, para a determinação de metais por espectrofotometria de absorção atômica". Nível de mestrado. Área de Química Quântica. Candidato: Nadir Joana Martin. Orientador: prof. Frederick Carl Strong III. Dia 17/10.

"Otimização das condições para titulações potenciométricas de proteínas em soluções concentradas de uréia: titulações potenciométricas da proteína de Bence Jones (JJO)". Nível de doutorado. Área de Química Quântica. Candidato: Maria da Conceição Silva. Orientador: Oswaldo E.S. Godinho (IQ/Unicamp).

"Avaliação dos testes de imuno-hemólise passiva (IHP) e Biken na detenção de enterotoxina termolábil (LT) em amostras de **Escherichia coli** de diferentes origens". Tese a nível de mestrado. Área de Imunologia. Candidato: Aparecida Celli de Almeida Said. Dia 1.º/9.

"Sucessão secundária inicial em mata tropical semi-decídua, após perturbação por fogo". Nível de mestrado. Área de Ecologia. Candidato: Tânia Tarabani Castellani. Dia 15/9.

"Inibição da atividade de neuraminidase de **T. cruzi** por soros de camundongos infectados". Nível de mestrado. Área de Imunologia. Candidato: Edgard Zanolli. Dia 26/9.

"Efeito do tiopental sobre a atividade elétrica da célula Beta e o efluxo de 45 CA em ilhotas de Langerhans". Nível de mestrado. Área de Fisiologia. Candidato: Francesco Langone. Dia 29/9.

"Efeito de um quelante de ferro, 1,10 - Fenantrolina, sobre a ação diabetogênica da aloxana e estreptozotocina em ratos". Nível de mestrado. Área de Fisiologia. Candidato: Mara Aparecida de Lucio. Dia 30/9.

"Inibição osmótica da germinação de sementes de capim-colonial (Panicum Maximum Jack.): influência dos níveis hormonais endógenos e na velocidade e uniformidade de germinação". Nível de doutorado. Área de Biologia Vegetal. Candidato: Roberto Usberti. Dia 16/9.

A FOP passou a integrar a Unicamp em 1967.

Ao todo, a FOP conta com 16 laboratórios.

A jovem FOP está chegando aos 30

Incorporada à Unicamp em 1967, por decreto do governo estadual, a Faculdade de Odontologia de Piracicaba (FOP) é, a rigor, a unidade mais antiga da Universidade. Faz 30 anos em abril de 1987 — precedendo em sete anos, portanto, a existência da Faculdade de Ciências Médicas, e em dez a do próprio campus de Campinas.

Para os critérios europeus ou americanos, entretanto, a FOP é extremamente jovem. Lá a idade das instituições universitárias se mede não por décadas, mas por séculos. Sabia disso o prof. Carlos Henrique Robertson Liberalli, ao idealizá-la. A Usp, nossa primeira universidade de fato, acabava de completar 20 anos.

Piracicaba tinha, na época, menos de 60 mil habitantes (hoje tem 300 mil) e ressentia-se da falta de outras escolas de ensino superior. A princípio, pensava-se criar, ou uma Faculdade de Farmácia e Odontologia ou uma Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, ou ambas juntas. Depois, afastou-se o sonho da Faculdade de Filosofia. Na noite de 6 de setembro de 54, a Câmara Municipal aprovava a Lei n.º 444, que autorizava a Prefeitura de Piracicaba a adquirir o prédio n.º 627 da Rua D. Pedro II, onde funcionava o Externato São José. Pensava-se criar uma faculdade que conjugasse disciplinas de Farmácia e de Odontologia. Três meses depois, o governo do Estado aprovava a criação da Faculdade de Farmácia e Odontologia de Piracicaba, mas na qualidade de instituto isolado do sistema estadual de ensino superior.

Para instalá-la, e também para dirigi-la, foi nomeado o prof. Liberalli da mesma turma do prof. Zeferino Vaz, fundador da Unicamp. Homem de visão e de largos conhecimentos pedagógicos, técnicos e científicos, Liberalli era o elemento certo. Nomeado diretor, não tardou a tomar as providências necessárias para a instalação da FOP. Em pouco tempo, a escola estava solidificada.

O prof. Liberalli costumava dizer que "a faculdade piracicabana será um instituto padrão de ensino superior, instalado dentro dos mais rigorosos cânones pedagógicos e teóricos". A escola funcionou como instituto isolado do sistema estadual de ensino superior até 67. A partir de fevereiro desse ano, incorporou-se à Universidade Estadual de Campinas, sob o nome de Faculdade de Odontologia de Piracicaba, dissipando-se assim a possibilidade da instalação da Faculdade de Farmácia, que na verdade nunca chegou a funcionar.

Passados dez anos, no dia 21 de abril, a FOP inaugurava o primeiro bloco da conjuntura arquitetônica de seu campus, em terreno doado pela Escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiroz" (ESALQ), na saída para Limeira. Hoje a FOP está instalada numa área de 48 mil m², sendo 14 mil m² construídos.

Incorporação

O processo de incorporação da FOP — ainda funcionando como instituto isolado — à Unicamp, não foi tranqüilo. Houve reações internas e externas. "Reações normais", explica o prof. Wilson Amâncio Marchi, do Departamento de Odontologia Restauradora, disciplina de Dentística Operatória, primeiro aluno da FOP a ser mais tarde contratado como professor. "No entanto — conclui — para nós seria muito melhor passarmos a integrar uma Universidade, especialmente uma com o renome da Unicamp. A cidade relutou um pouco. Mas nós, alunos, víamos a coisa com bons olhos; teríamos evidentemente mais recursos, mais nome, e esperávamos, com isso, uma considerável melhora no nível de ensino da escola." A maioria dos professores da FOP, hoje, é unânime em afirmar que a escola está entre as cinco primeiras. Acredita-se, porém, que tal fato poderia não ter ocorrido não fosse sua incorporação à Unicamp."

"Devemos lembrar — diz o prof. Simonides Consani, diretor da Unidade — que a FOP é hoje uma das mais importantes do Estado. Se atualmente ocupa lugar de destaque, isso se dá em virtude de seu empenho no desenvolvimento de novas pesquisas, assim como à sua constante preocupação em reestruturar seus currículos, em ampliar seus laboratórios e aprimorar-se tecnicamente."

Desde o início, a FOP demonstrava tendência para firmar-se como uma escola sólida. Houve uma época, porém — na década de 70 —, que suas atividades de pesquisas ficaram paralisadas, isto é, pouca coisa se desenvolveu em termos de pesquisa e de novas técnicas.

"Isso durou uns dez anos aproximadamente — diz o prof. Wilson Marchi. Depois a Faculdade teve um avanço considerável, as pesquisas tiveram novo impulso e foram adquiridos novos materiais, novas técnicas de padrão internacional." Esse avanço pedia mudanças principalmente na parte didático-pedagógica. O currículo, por exemplo, sofreu mudanças radicais, "para melhor" — segundo ele — "embora algumas coisas ainda ficassem a desejar". Eram detalhes que só mesmo com o tempo seriam resolvidos, "pois currículo de escola faz parte de um processo de constante aprimoramento".

Laboratórios

Numa área de 14 mil m² de construção, a FOP tem instalada toda uma infraestrutura capaz de abrigar quatro salas de aula tipo anfiteatro, departamentos, área clínica, 64 salas para professores com área de 12,5 m² cada, além de biblioteca, 19 salas para administração, Centro de Recursos para Aprendizagem com equipamentos de televisão (produção e apresentação), fotografias e setor de ilustração gráfica. Na parte dos fundos, o refeitório, que serve em média 500 refeições por dia.

Embora também aguardem pelo processo de reequipamento iniciado pelo reitor Paulo Renato, os laboratórios estão bem equipados, com destaque especial para equipamentos como o microscópio eletrônico, o eletrofisiógrafo e para o eletromiógrafo adquiridos para pesquisas. Está em vias de ser instalado um sistema completo de minicomputador para análises estatísticas, controle de funcionamento da clínica e atividades administrativas gerais, além da prestação de serviços à comunidade. Afora o prédio principal, localizado fora da área central de Piracicaba, existe ainda o prédio antigo, onde funcionam o Colégio Técnico de Prótese e o Diretório Acadêmico. Os 330 alunos, individualmente ou em grupos, sob orientação de um professor da disciplina, defrontam-se diariamente com os 170 equipos instalados na área clínica. Esses equipos, da marca **Dabi**, são completos e possuem inclusive cadeira motorizada.

Os laboratórios são 16 ao todo, sendo dois de pré-clínica, um de produção da clínica, um de ortodontia, um de odontopediatria, um de materiais dentários, dois de microscopia, um de genética clínica, um de morfologia (microscopia eletrônica, radiosótopos, eletromiografia, histologia), um de fisiologia, um de farmacologia, um de bioquímica, um de endodontia, um de anatomia e um de psicologia.

A Faculdade de Odontologia de Piracicaba, nestes quase trinta anos de atividades, formou mais de 1.500 alunos. Muitos deles destacaram-se mais tarde em suas diversas áreas de atuação, bastando citar nomes como os dos professores Lourenço Bozzo, José Merzel, Jaime Cury, Mário Roberto Vizioli, Osley Paes de Oliveira, Luiz Antonio Ruhnke, Luiz Valdrighi, Renato Roberto Biral, Antonio Carlos Neder e Mathias Vitti, entre muitos outros.

A maioria destes professores, além de terem estudado e pesquisado no exterior, são autores de inúmeros trabalhos publicados não só no Brasil como também lá fora.

Hoje, na FOP, estudam 330 alunos de Graduação, 104 de Pós-graduação (sendo 82 a nível de mestrado e 22 de doutorado), 75 em cursos técnicos e 57 a nível de especialização nas áreas de Endodontia, Odontopediatria, Periodontia, Radiologia, Prótese e Dentística. A escola tem 92 professores e um quadro com 198 funcionários.

Os Departamentos

A FOP tem sete Departamentos que, segundo o prof. Simonides, desenvolvem atividades de pesquisas científicas nos mais diversos segmentos da área odontológica. São os seguintes: Departamento de Odontologia Restauradora; Departamento de Odontologia Infantil; Departamento de Morfologia; Departamento de Ciências Fisiológicas; Departamento de Prótese e Periodontia; Departamento de Diagnóstico Oral; e Departamento de Odontologia Social.

Estágios e Atendimento

Na FOP, o esquema de estágio é rigoroso. Segundo o prof. Simonides, os alunos do sétimo e oitavo semestres do Curso de Graduação são obrigados a cumprir 80 horas/alunos/semestres, em estágios "extramurais", isto é, duas semanas alternadas em período de tempo integral. Atualmente saem, por semana, da Faculdade, 14 alunos que vão prestar serviços odontológicos tanto em Piracicaba como em Paulínia.

Em Piracicaba existem dois tipos de estágios: um na zona rural, com três equipamentos simplificados e atendimento a escolas; outro na zona urbana, com seis equipamentos convencionais e atendimento à população em geral. Os estudantes fazem também estágios em Paulínia, com cinco equipamentos simplificados, odontologia a quatro mãos e atendimento a pré-escolas. Além disso, atuam como estagiários no Centro de Saúde/Escola, atendimento a pré-escolares e gestantes, com um equipamento convencional e três simplificados, sendo estes últimos de odontologia a quatro mãos.

Mas nem só de pesquisas, estágios e aulas se faz uma escola como a FOP; o tratamento à comunidade é um serviço ao qual é dedicada atenção especial. Sabe-se, todavia, que os três principais problemas odontológicos do Brasil são, por ordem de importância, a cárie dentária, as doenças periodontais (inflamação na gengiva) e as más oclusões. O problema da incidência da cárie dentária, por exemplo, sempre foi uma das grandes preocupações da FOP, que é pioneira no setor.

Trabalhando no Departamento de Prótese e Periodontia, o prof. Antonio Fernando Martorelli de Lima — formado pela FOP em 77 e a mais recente contratação da Faculdade — explica que "hoje estamos tentando uma descontaminação química da superfície dental durante um tratamento de periodental". Esse tratamento é levado à comunidade através de serviços prestados pelos próprios alunos/estagiários, sob a orientação de um professor.

"Os índices de dentes cariados e perdidos são elevados, exigindo a implantação de medidas preventivas e curativas", diz ele. Mas a FOP, através de atendimento à comunidade, tem programa específico que visa a eliminar o rótulo de que o Brasil é um "país de desdentados". Esse é um programa que tem três tipos de atendimento. O primeiro refere-se aos serviços prestados junto às escolas da zona rural, seguindo o "sistema incremental", que consiste no tratamento dos problemas apresentados pelas crianças ao ingressar nas escolas, seguido de tratamento de manutenção à população carente, de todas as faixas etárias, no ambulatório da FOP, e o terceiro é o atendimento à população de áreas de menor densidade de habitantes.

Nesse programa, os alunos (em grupos de 20 para cinco professores) cuidam de restauração, tratamento endodôntico, periodontal, próteses, extrações e pequenas cirurgias, "coisas que vão formar o clínico geral" — observa Martorelli. Quanto à qualidade desses serviços, o prof. Simonides Consani diz que "é do mais alto nível técnico-científico, comparado aos melhores atendimentos feitos em instituições de ensino particulares". Em média, são feitas cerca de cinco mil consultas por mês.

Para o trabalho clínico, os 330 alunos contam com 170 equipos.

Prof. Simonides, diretor: cinco mil consultas por mês.